

LUÍSA FORTUNATO BARBOSA



As relações entre criança e natureza na pré-escola:

narrativas de professoras e
coordenadoras pedagógicas
que atuam em jardins de praça

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LUÍSA FORTUNATO BARBOSA

AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇA E NATUREZA NA PRÉ- ESCOLA:
Narrativas de professoras e coordenadoras pedagógicas que atuam em jardins de praça

Porto Alegre

2023

LUÍSA FORTUNATO BARBOSA

**AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇA E NATUREZA NA PRÉ- ESCOLA:
Narrativas de professoras e coordenadoras pedagógicas que atuam em jardins de
praça**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho

Porto Alegre

2023

Dedico este trabalho, a todos que se preocupam em construir uma educação que realmente seja pensada e construída com as crianças, que elas se tornem protagonistas de suas aprendizagens. A minha família que sempre esteve ao meu lado, me apoiando e dando forças durante toda a minha trajetória de estudos da graduação.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, por me fazer enxergar através da minha fé, a minha vocação que desde pequena esteve junto comigo, que era ser professora.

Aos meus pais, Jucélia Barbosa e Volnei Barbosa, que são os meus primeiros exemplos de vida e de profissão, aos quais tenho muito orgulho, muito obrigada a todos ensinamentos e valores que foram passados, a toda participação na minha formação e apoio que sempre tive, amo vocês.

Aos meus irmãos, Bruna Barbosa e João Victor Barbosa, que sempre torceram por mim, e a toda ajuda tecnológica que tive do meu irmão, ao longo dos trabalhos acadêmicos.

As amigas que construí ao longo do curso, mas especialmente as minhas amigas Nathalia Quadros e Nila Fick, que estão comigo desde o primeiro dia de aula da graduação e se tornaram grandes amigas, elas foram companheiras nos trabalhos, incentivadoras para enfrentar as primeiras aulas da manhã e driblar o sono.

A minha amiga Renata Bourscheidt que além de ser minha colega de trabalho, consegui fazer algumas disciplinas com ela e assim pude partilhar de sua companhia e altos papos da faculdade até a escola, e das realizações dos trabalhos acadêmicos.

As amigas que construí mais para o final do curso, que estavam torcendo para o fim desta caminhada.

A Faculdade de Educação (FACED) e a todas (os) professoras (es), que passaram durante estes quatro anos de graduação e foram fundamentais para minha formação como docente.

Ao meu orientador Rodrigo Saballa de Carvalho, por todo auxílio, organização, disposição e orientações que recebi para que este trabalho se concluísse, sou grata por todos seus ensinamentos ao longo da construção deste trabalho de conclusão de curso e a todas suas aulas que participei.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso, a partir das contribuições do campo de estudos sobre criança e natureza da Educação Infantil, tem como objetivo geral, conhecer a concepção de infância e natureza de um grupo de professores e coordenadoras da pré-escola que atuam em jardins de praça localizada na cidade de Porto Alegre, bem como as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas profissionais em relação à temática. Além disso, tendo em vista tal perspectiva, foram definidos os objetivos específicos: a) abordar as concepções das professoras participantes da pesquisa em relação a natureza; b) discutir a importância da promoção de práticas envolvendo as relações entre crianças e natureza no âmbito do cotidiano do trabalho pedagógico na pré-escola; c) inventariar as práticas pedagógicas das professoras participantes da pesquisa em relação à temática criança e natureza na pré-escola; d) discutir o desemparedamento da infância e seus efeitos no trabalho pedagógico na Educação Infantil. Metodologicamente a pesquisa foi desenvolvida através da entrevista semiestruturada, com quatro professoras e quatro coordenadoras que atuam em três jardins de praça da cidade de Porto Alegre. Nessa direção, as entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro de questões sobre as relações entre criança e natureza, a partir da qual as participantes puderam pensar em suas ações enquanto professoras e coordenadoras e o que vem realizando para promover o contato das crianças com a natureza. A leitura das entrevistas foi realizada por meio da análise de conteúdo. A partir da análise do conteúdo da transcrição das entrevistas, foram definidas as seguintes unidades: 1) concepção sobre natureza; 2) concepção sobre a relação entre criança e natureza tendo em vista as especificidades do trabalho desenvolvido no Jardim de Praça; 3) concepção sobre o desemparedamento da infância; 4) recomendações para o desenvolvimento de um projeto educativo que considere as relações entre criança e natureza. Mediante a análise dos dados, foi possível inferir sobre a importância de promover vivências entre as crianças e a natureza nos espaços escolares e para além dele. Sendo assim, a partir das análises desenvolvidas em minha pesquisa foi possível inferir que: 1) a concepção de natureza das participantes da pesquisa, denota o entendimento de uma visão holística, a qual concebe uma relação orgânica entre os seres humanos e a natureza, relacionada ao pertencimento de todos os indivíduos; 2) compreender que as professoras e as coordenadoras entrevistadas se preocupam em promover tempo para que as crianças usem os espaços externos da escola; 3) as entrevistadas reconhecem a importância do desemparedamento das crianças, ou seja, que elas tenham a possibilidade de ocupar os espaços externos da escola, assim como explorar tudo o que a cidade tem a oferecer - como parques, praças, etc; 4) nos documentos curriculares que norteiam a Educação Infantil, como as Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil (DCNEI) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o enfoque da relação criança e natureza não é enfatizado de modo satisfatório. Por fim, a partir das análises empreendidas no decorrer do trabalho, considero que por meio da realização de propostas pedagógicas planejadas intencionalmente, que permitam a participação ativa das crianças, valorizando suas potencialidades, e as professoras reconheçam os benefícios que o contato com a natureza apresenta para o desenvolvimento e aprendizagens das crianças.

Palavras-chave: Educação Infantil. Criança. Natureza. Desemparedamento. Jardins de Praça.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Página inicial do site Criança e Natureza	29
Figura 2: Criança explorando o galho	30
Figura 3: Crianças em meio a natureza	30
Figura 4: Poça de água.....	31
Figura 5: Página inicial Instagram – Natureza de Criança.....	32
Figura 6: Crianças andando pela natureza.....	32
Figura 7: Crianças descobrindo o nome da árvore	33
Figura 8: Rosto de gravetos.....	33

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estrutura da entrevista com professoras de pré-escola	42
Quadro 2: Estrutura da entrevista com equipe gestora – coordenadoras	43
Quadro 3: Apresentação das professoras participantes.....	45
Quadro 4: Apresentação das coordenadoras participantes	46

LISTA DE ABREVIATURAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
COVID	Corona Vírus Disease
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
EVA	Acetato de Vinila
IEIS	Instituições de Educação Infantil
JP	Jardim de praça
PNQEI	Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil
RS	Rio Grande do Sul
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS	9
2	INFÂNCIA E NATUREZA: A PERSPECTIVA CONCEITUAL DA INVESTIGAÇÃO	14
2.1	EDUCAÇÃO INFANTIL E NATUREZA NOS DOCUMENTOS CURRICULARES	20
2.2	POR QUE AS CRIANÇAS PRECISAM DO CONTATO COM A NATUREZA?	23
2.3	DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA: REFLEXÕES PARA PENSAR A RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS ESPAÇOS EXTERNOS	25
2.4	PROJETOS SOBRE CRIANÇA E NATUREZA NO TERRITÓRIO NACIONAL	29
2.5	PISTAS PARA A PROMOÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE CRIANÇA E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	34
3	A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COMO METODOLOGIA DA PESQUISA	37
3.1	OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS (AS) PARTICIPANTES DA PESQUISA	40
3.2	A PAUTA DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA.....	41
3.3	AS PROFESSORAS E AS COORDENADORAS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	45
3.4	A ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS.....	46
3.5	A ÉTICA NA PESQUISA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA.....	47
4	INFÂNCIA E NATUREZA: NARRATIVAS DE PROFESSORAS E COORDENADORAS DE PRÉ - ESCOLA	48
4.1	AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS E COORDENADORAS SOBRE NATUREZA	49
4.2	AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS E COORDENADORAS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇA E NATUREZA TENDO EM VISTA AS ESPECIFICIDADES DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO JARDIM DE PRAÇA.....	52
4.3	AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS E COORDENADORAS SOBRE O DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA	58
4.4	AS RECOMENDAÇÕES DAS PROFESSORAS E COORDENADORAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO EDUCATIVO QUE CONSIDERE AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇA E NATUREZA	62
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
	REFERÊNCIAS	71
	ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - PROFESSORA	73
	ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - COORDENADORA PEDAGÓGICA	74

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

[...] a materialidade do brincar, quando se constitui de substâncias materiais pouco científicas, decompostas pelo tempo, ou provenientes da natureza, tem o poder de desemoldurar a imaginação. Permite que a criança crie, com maior liberdade, sua experiência. (PIORSKI,2016, p.30).

A partir da discussão proposta por Piorski (2016), considero refletir sobre a potencialidade do brincar frente ao que não está pronto, e a capacidade de fazer com que as crianças não deixem de utilizar sua imaginação e criação nas brincadeiras, fato que vem se intensificando com os usos das telas.

A natureza sempre esteve no meu entorno, cresci em um bairro repleto de praças, campos. A minha casa tem um pátio grande com bastante flores, árvores e, diante disso, o contato com o meio natural esteve relacionado ao meu desenvolvimento. Foi nesse ambiente que comecei a reconhecer a importância de cuidar do meio ambiente e, desde então, o gosto por estar em contato com a natureza só se multiplicou.

Desde pequena frequentava as praças do meu bairro, Jardim Itu, localizadas na cidade de Porto Alegre. Cada uma delas tinha o seu diferencial: era a praça da coruja, a dos patos, a dos quero-quero, a das pedras; nomes que fui criando com meus pais ao ver os animais ali.

A praça da coruja, cujo sua nomeação é Praça Irceu Antônio Gasparin, localizada na Rua Antônio Sabe, no bairro Jardim Itu tinha a toca de animais, que ficava bem perto dos escorregadores e, no final das tardes, era possível ver elas voando ao entorno; hoje em dia, elas não existem mais. A dos patos, conhecida como Parque Vinte de Maio, localizada na Rua Prof. Bertrand Russel, no bairro Vila Ipiranga, é gigante: tem quatro praças em seu entorno com brinquedos, muitas árvores, canchas de futebol, um laguinho onde se encontram patos, tartarugas e gansos; adorava juntar pães para levar aos animais, subia nas árvores, escalava os morros, era uma diversão ir até lá. As praças eram perto umas das outras, então gostava de ficar indo e vindo por elas, e fazíamos o trajeto todo caminhando. Foram nesses espaços que passei frequentando grande parte da minha infância. Além disso, esses ambientes me traziam muitos aprendizados pois meu pai é professor de geografia e um apreciador da natureza; com isso aprendia os nomes das árvores e plantas, fato que até hoje trago comigo, por meio de memórias afetivas que busco levar para a sala de aula.

O tempo que frequentava no espaço externo da minha casa era bem maior do que o tempo interno. Passava horas e horas brincando no meu pátio, colhia flores e folhas para fazer comidinha, molhava a terra para fazer barro e criar esculturas, até mesmo fazer bolos.

Em tal direção, concordo com Piorski (2016), quando aponta que a natureza amplia os sentidos e vira cenário para criações, descobertas e redescobertas. Ao estar em contato com o verde e tantas possibilidades de brincadeira, era difícil sair daquele espaço, principalmente quando a brincadeira ocorria com mais crianças: era um desmancha e constrói infinito de castelos, bolos e tudo que a imaginação permitisse; atrelado a esse fato, as narrativas sempre estavam sendo mudadas. Ademais, conforme Piorski (2016, p. 60), “não é qualquer imagem ou estímulo de experiências que gera na criança o estado de criador”. Isso

considerando-se, principalmente, quando se trata de uma realidade que tudo chega pronto nas mãos das crianças e, por isso, o contato com os elementos da natureza é importante para as crianças ampliarem seus repertórios de criações e imaginação.

A escola, onde estudei desde a Pré-escola até o Terceiro ano do Ensino Médio, se chama Escola Estadual de Ensino Médio Itália. Na época tinha uma pracinha não muito grande com balanço, escorregador, gira-gira, mas o seu pátio era gigante e tinha muitas árvores e como era numa área alta, tinha morros que diariamente era nosso espaço de criar brincadeiras. Lembro que descia rolando o morro, brincava de se esconder atrás das árvores, aproveitei muito cada espaço ao ar livre da escola.

Ingressei em 2019 no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. No decorrer do curso, na disciplina de Ciências da Educação, que realizei como eletiva, que o meu interesse pelo tema foi se intensificando, pois, a professora mostrava situações para além da sala de aula, onde as crianças participavam ativamente de todo o processo. Nas disciplinas obrigatórias de Educação Infantil, apesar de que em algumas tenham sido abordadas as questões sobre infância e natureza, nesse viés acredito que não tive muita ênfase nessas questões. Diante dessas considerações, vejo a necessidade de adentrar nesse tema tão rico para o desenvolvimento das crianças, mas também, por gostar de estar envolvida com a natureza e por querer me aprofundar ainda mais sobre infância e natureza. Dessa maneira, conforme Guerra (2023, p. 22), [...] “agora, então, se os lugares “fora” podem ser lugares de aprendizagem é dever daqueles que educam e ensinam, torná-los disponíveis às experiências, antes de tudo, das crianças e dos jovens, mas, também dos adultos”. Por essas razões, julgo a necessidade de os adultos vivenciarem esses espaços como forma de se apropriarem e conhecerem o ambiente antes de oportunizar para as crianças, pois, afinal, não são todas as pessoas que gostam de estar em contato com a natureza. Nessa perspectiva, os adultos não devem privar as crianças de desfrutarem de algo só por não gostarem daquilo.

No terceiro semestre do curso, comecei a realizar estágio não obrigatório em uma escola particular de Porto Alegre, pois queria observar na prática o que estava estudando na teoria. Nessa instituição, era responsável por uma turma do turno integral, com crianças de 8 a 10 anos. Lá, acompanhava as crianças no almoço, nas atividades extraclasse, auxiliava nos temas.

A partir desse convívio com as crianças e o ambiente que a escola estava, fui me apropriando da rotina dos estudantes, e notei que o tempo que eles tinham de pátio era mínimo. As crianças passavam a manhã inteira na sala de aula e pela tarde acabavam ficando em um ambiente fechado, sem contar que o pátio era pequeno e todo emborrachado, feito para amortecer as quedas. Por outro lado, ao observar as crianças brincando eu percebia que, por mais que fosse pouco o tempo delas ao ar livre, fazia muito bem para as crianças. Sendo assim, segundo Horn e Barbosa (2022, p.4):

“em vez de ampliarmos os espaços externos com terra, cada vez mais colocamos lajes nos pátios, grama sintética, encurtamos os horários de estar nesses locais, com a desculpa de que causam muitos transtornos e que dá muito trabalho [...]”.

Infelizmente é uma realidade que está se intensificando nas escolas, visto que os espaços verdes estão perdendo lugar para ambientes fechados, fato que está atrelado a sujeira que será formada pela areia, grama ou água que as crianças deveriam utilizar nos espaços ao ar livre, bem como o temor dos estudantes se dispersarem em ambientes abertos e grandes.

Tendo em vista que as crianças acabam passando muitas horas em salas de aula fechadas, com pouco espaço, de acordo com Costa (2011), o educador Célestin Freinet buscava ir além das salas de aula, pois percebia que as crianças estavam interessadas no que se passava do lado de fora da escola, necessitavam de explicações que fugissem do abstrato. Nessa perspectiva, é preciso repensar o tempo que as crianças ficam em ambientes fechados e como está sendo distribuído, ou seja, os espaços externos precisam ser vivenciados pelas crianças, pois são potencializadores de aprendizagens, contanto que esse espaço não seja utilizado como um momento livre das crianças, sem uma proposta. Corroborando com o argumento, Tiriba e Profice (2023) destacam que pátio é visto como uma forma de premiação se os estudantes realizarem tudo certo, não como um direito, e as rotinas das escolas não mudam, são sempre da mesma forma, dando a entender que é um momento isolado da vida. Para tanto, destaco a necessidade das crianças, além de terem seus direitos respeitados, possam ser vistas como pertencentes da sociedade e para isso ocorrer precisam ter espaços que acolham as infâncias.

Em 2019, o mundo sofreu com um vírus denominado COVID-19, que culminou com o fechamento de escolas, estabelecimentos comerciais e a morte de milhares de pessoas. Foram tempos difíceis. Além disso, por mais que fosse um período de grandes incertezas, a Pandemia fez com que as pessoas comesçassem a valorizar novamente algo que vinha sendo deixado de lado, que era o contato com a natureza: as praças começaram a ser ocupadas, os esportes ao ar livre tiveram um salto, e as crianças passaram a permanecer por mais tempo em contato com mais crianças em ambientes externos. Em 2021, durante a Pandemia, comecei a estagiar em uma escola particular de Porto Alegre na Educação Infantil, mas não tinha contato com as crianças, somente com os pais que vinham até a escola para buscar as atividades. Em agosto de 2021, as aulas retornaram presenciais, com restrições na quantidade de crianças por sala; então, a partir desse período, iniciei como estagiária em uma turma com crianças de 3 anos.

A partir das minhas vivências em escolas, foi possível observar a relação das crianças com os espaços externos e o quanto elas precisam estar nesse ambiente que proporciona curiosidade, exploração, criação, mas que ao mesmo tempo é pouco utilizado pelas escolas. Dessa maneira, Tiriba (2010) afirma que, as atividades ao ar livre proporcionam aprendizagens que se relacionam ao estado de espírito, pois as pessoas entram em sintonia com o que gostariam e estão realizando. Sendo assim, as crianças, estando ao ar livre, se sentem pertencentes a natureza e com isso amparadas para desbravarem os espaços em busca de descobertas e da coletividade que o espaço externo estabelece.

Diante disso exposto, acredito ainda mais que as crianças necessitam estar em contato com os espaços externos, tanto das escolas como da cidade, dando oportunidade para elas

conhecerem e pertencerem a esse espaço. Desse modo, “além de se constituírem como espaços de brincar livremente e relaxar, esses lugares podem também ser explorados como ambientes de ouvir histórias, desenhar e pintar, espaços de aprendizagens, em que se trabalha uma diversidade de conhecimentos.” (TIRIBA, 2010, p. 9). Nesse viés, com o intuito de proporcionar esse contato para as crianças, as atividades propostas diariamente podem ser elaboradas no espaço externo, a fim de oferecer uma interação mais forte com esses espaços, tendo em vista que as salas de referências acabam sendo mais ocupadas do que os ambientes externos.

A temática do presente trabalho de conclusão de curso encontra-se atrelada a minha vida, pelo fato de desde pequena frequentei e vivenciei a natureza. Mas foi quando ingressei em escolas para estagiar que comecei a refletir como o contato com a natureza é limitado nesses espaços, ainda mais com o advento da tecnologia, tendo em vista que as crianças estão ficando cada vez mais dentro de suas casas sentadas em frente aos eletrônicos e deixam de interagir com os ambientes externos. Assim, “deste modo, em maior ou menor grau, a natureza está cada vez mais distante das pessoas. As crianças passam a maior parte de seu dia em espaços emparedados e interagindo com dispositivos eletrônicos” (TIRIBA; PROFICE, 2019, p. 2).

Infelizmente esta é uma questão que vem ganhando força, não só nas escolas, mas também nos lares das crianças, visto que a natureza não é reconhecida como um ambiente que é constituído por todos e para todos, mas sim, como um meio de produção e obtenção de lucros. Dessa maneira, Guerra (2023, p.123), ressalva que, “ao final, a relação com a natureza, com o mundo, para as crianças, está nas coisas, nas pedras, nas plantas, nas árvores, nos insetos e nos animais, mas também está nas pessoas”. Entretanto, para as crianças todas as suas vivências se tornam partes delas, assim como a relação que elas estabelecem com as pessoas.

Tendo em vista que os desastres ambientais estão cada vez mais fortes devido a descuidos com a natureza, acredito que as pessoas também são a natureza e, por isso, precisam cuidar e respeitar o ambiente que fazem parte. Com isso, vejo a pertinência de explanar esse assunto de modo que as crianças sejam contempladas com as riquezas que o meio externo nos oferece, pois, a natureza não está só nos animais, nas plantas, nas pessoas, mas sim, nos sons, nas cores, texturas etc. Sendo assim, Tiriba (2010) destaca que se tratando de uma questão de emergência planetária, na qual as crianças aprendem, e, sobretudo, vivenciam um consumo desenfreado, dando mais valor aos bens, a natureza teve ser colocada em foco.

Diante do exposto, ressalto que a **temática** de meu trabalho de conclusão de curso é Infância e Natureza, cujo foco são as relações que as crianças que frequentam a Educação Infantil podem estabelecer com a natureza a partir do uso dos espaços externos nas instituições, assim como do vínculo com a cidade enquanto espaço público, constituído por praças, jardins, etc.

Contemporaneamente, as crianças estão vivendo cada vez mais emparedados, em espaços apertados, sem vista para a rua, sem poder se movimentar, sem esbarrar em alguém,

com o tempo acelerado para driblar a rotina do dia. Nesta direção, Tiriba (2018, p. 17) aponta que, “criei a expressão “emparedar” para designar a ação de manter as crianças entre paredes nos muitos espaços além das salas de atividades das Instituições de Educação Infantil (IEIS)”. Com essa mecanização do dia, o tempo para o brincar ao ar livre vem sendo cada vez mais reduzido pelos adultos, que em sua grande maioria não compreendem que é um direito das crianças brincarem, terem um espaço apropriado para construírem suas aprendizagens, para serem ouvidas e respeitadas. No entanto, as crianças vivenciam diariamente, “[...] longos períodos em espaços fechados, intermináveis esperas, submissão a rotinas que não respeitam seus ritmos próprios, que não consideram seus interesses e desejos” (TIRIBA, 2018, p. 20). Essa é uma realidade que precisa ser desvinculada das escolas, a fim de buscar um ambiente lúdico, aberto para vivências concretas, que possibilite as crianças realmente construírem o ambiente que estarão inseridas e caminhem para fora dos muros e se apropriem da cidade.

Tanto as escolas, quanto as famílias precisam desacelerar, rever suas necessidades e procurar por um desemparedamento dos espaços, frequentando mais os ambientes naturais, onde as crianças possam colocar os pés realmente em uma grama, plantar, criar através de galhos, pedras, folhas que observem o som dos pássaros. Sendo assim, Tiriba (2018, p.201) enfatiza que, “nesse contexto precisamos afirmar a importância de desfrutar de um ambiente bonito, arejado, iluminado pelo sol, que ofereça conforto térmico, acústico e visual.” Todavia, os espaços ao ar livre não são tão ocupados, pois estão atrelados a uma questão de ordem, ou com a ideia de que as crianças possam perder - se, mas acredito que com o diálogo e relatando previamente para as crianças para onde estão indo e o que é realizado, será possível fazer saídas ao entorno das escolas. Atrelado a isso, Tiriba e Profice (2023) afirmam que por meio do desemparedamento será possível abrir espaço para um des-silenciamento das crianças. Sendo assim, elas serão capazes de ampliar seus olhares e potencialidades para o aberto.

Com o propósito de analisar como o contato com a natureza está sendo contemplado em três Escolas Municipais de Educação Infantil de Porto Alegre, parto para a escolha dessas instituições que se deu pelo fato de serem jardins de praça, onde estão inseridas num contexto bem diferente da maioria das escolas, cercadas pelo verde. Por estas razões, acredito que as instituições pregam realmente pelo vínculo ativo das crianças com a natureza, buscam um desemparedamento dos espaços, do uso de brinquedos de plásticos. A partir disso, apresento o **problema de pesquisa**: como um grupo de professoras e coordenadoras da pré-escola, que atuam em três jardins de praças da cidade de Porto Alegre, concebem a relação infância e natureza e a promovem em suas práticas cotidianas com crianças.

De tal maneira, compreendo que minha pesquisa é relevante para o campo da Educação Infantil, visto que será possível pensar como as escolas estão relacionando infância e natureza para além dos muros escolares, quais meios estão sendo utilizados para romper com o emparedamento da educação. Para além disso, busco que os professores possam ser motivados a refletirem sobre a composição dos espaços externos que estão inseridos, de que forma buscam contemplar essas vivências, e os benefícios desencadeados ao

desenvolvimento. Nessa direção, Horn e Barbosa (2022) acreditam que para ter uma educação que rompa com os muros da escola, que interligue a sala com o pátio, a natureza com a ciência da tecnologia, é preciso que se construa rapidamente ações antes que seja tarde.

Por meio das discussões apresentadas neste projeto, será possível observar possíveis medidas para trazer à tona ações práticas que podem ser feitas para deixar de lado o emparedamento e seguir para o desemparedamento dos ambientes, visando uma Educação Infantil mais verde, com mais tempo de qualidade, que respeite as crianças, onde se possa desfrutar da água, da terra, contemplar o céu, os sons aos seus redores, como, por exemplo, dos pássaros, do vento. Conforme defendido por Tiriba (2010), o nosso compromisso está com preservação da vida, a água, o sol, ar puro precisam estar diariamente em contato com as creches e pré-escolas.

Metodologicamente, foram realizadas entrevistas narrativas com quatro professoras e quatro coordenadoras que atuam em três jardins de praça da cidade de Porto Alegre. A partir de um roteiro que foi disponibilizado às participantes, elas puderam pensar em suas ações enquanto professoras e coordenadoras e o que vêm realizando para promover o contato das crianças com a natureza.

Através do meu problema de pesquisa, defini o seguinte objetivo geral: conhecer a concepção de infância e natureza de um grupo de professoras e coordenadoras da pré-escola que atuam em jardins de praça localizada na cidade de Porto Alegre, bem como as práticas pedagógicas desenvolvidas pelas profissionais em relação à temática. Além disso, tendo em vista tal perspectiva, formulei os seguintes objetivos específicos: a) abordar as concepções das professoras participantes da pesquisa em relação a natureza; b) discutir a importância da promoção de práticas envolvendo as relações entre crianças e natureza no âmbito do cotidiano do trabalho pedagógico na pré-escola; c) inventariar as práticas pedagógicas das professoras participantes da pesquisa em relação à temática criança e natureza na pré-escola; d) discutir o desemparedamento da infância e seus efeitos no trabalho pedagógico na Educação Infantil.

Dessa forma, mediante o exposto, ressalto que o trabalho de conclusão de curso está organizado em cinco capítulos. A seguir deste primeiro capítulo introdutório, no segundo capítulo será apresentada uma discussão conceitual sobre infância e natureza. No terceiro capítulo, será apresentada a entrevista, metodologia da pesquisa; e o modo como serão analisados os dados gerados no quarto capítulo serão apresentadas as análises das entrevistas. Por fim, no quinto capítulo serão apresentadas as considerações finais.

2 INFÂNCIA E NATUREZA: A PERSPECTIVA CONCEITUAL DA INVESTIGAÇÃO

Subir em árvores, colocar os pés na grama, fazer comidas com as flores, folhas e sementes, molhar a terra até se transformar no barro; essas eram brincadeiras que costumavam ser realizadas por muitas crianças. Desse modo, Tiriba (2018, p. 17) acrescenta: “distantes do sol, da água, da terra, do vento, nos centros urbanos, as crianças não brincam mais onde historicamente os humanos brincaram, ou ainda brincam”. Posto isso, as crianças

acabam ficando mais tempo dentro de suas casas, interagindo com telas e acabam perdendo esse contato com o ar livre e as descobertas que esse ambiente carrega. Diante dessas colocações, Castelli (2019, p. 125) diz “[...] essas mesmas crianças não parecem ter a oportunidade de se envolver cotidianamente com a natureza e, assim, criar laços com ela. As suas relações são marcadas pelo caráter de eventualidade [...] e mediadas pelo consumo”. Mediante esses questionamentos, acredito que as crianças acabam perdendo o contato com a natureza e a oportunidade de se aventurar pelos espaços, pois falta o convite dos adultos. Além disso, a natureza é vista e tratada como algo perigoso, como forma de obter lucros, e o valor realmente que a natureza carrega, de que todos fazem parte, é deixada de lado.

Diante do exposto, é de suma importância refletir com o que Louv (2016, p. 23) diz: “[...] a maneira como as crianças entendem e vivenciam a natureza mudou radicalmente. [...] Hoje as crianças têm noção das ameaças globais ao meio ambiente, mas seu contato físico, sua intimidade com a natureza, está diminuindo”. Em vista desse argumento, não vejo problemas em as crianças reconhecerem os problemas ambientais, visto que elas estão o tempo todo rodeadas por informações, mas o que me faz refletir é a perda do contato com a natureza em todos os âmbitos da sociedade em virtude das tecnologias, da falta de segurança das cidades que fazem com que os lugares fechados sejam mais frequentados, mais ainda por muitos adultos não acharem que a natureza traz bem-estar para a saúde e com isso as crianças sejam privadas desse contato. Como forma de proporcionar vivências, o plantio, o toque com a grama, gravetos, água, dentre outros, a Escola de Educação Infantil deve ser uma parceira nesse quesito, pois é lá que as crianças passam a maior parte do tempo e necessitam desse hábito voltado para os ambientes externos, não só nos ambientes escolares, mas também poder andar pela cidade, por praças e parques.

Com o passar dos tempos, o estar na natureza foi sendo deixado de lado, principalmente nas escolas em decorrência da urbanização das cidades, das construções em grandes proporções. Também cada vez mais, a violência faz com que as famílias evitem frequentar praças e acabem indo lugares fechados. Destaco ainda que a tecnologia que sem um uso responsável irá trazer danos no desenvolvimento das crianças. Tiriba (2018) destaca que as crianças precisam ser vistas como seres da natureza e pertencentes a esse espaço, pois é um direito delas. Dessa maneira, “a natureza é a forma ativa que criou e que conserva a ordem natural de tudo que existe. É a própria vida, criadora de todos os seres que constituem o Universo”. (TIRIBA, 2018, p. 18). Percebo a natureza como um bem interligado a mim, que de acordo com minhas ações poderá trazer benefícios ou prejuízos para todos, e com isso busco, através das minhas ações diárias, preservar o bem comum que é fruto das atitudes de cada indivíduo da sociedade.

Embora o brincar seja um direito das crianças, ainda é visto como uma perda de tempo para muitas pessoas, principalmente se tratando do ambiente escolar, onde as crianças devem frequentar para terem conhecimento, e, assim, infelizmente, o brincar acaba sendo interrompido em muitas etapas da infância. Dito isso, Louv (2016, p.70) enfatiza que “o tempo para brincar – em especial o brincar livre, não estruturado e exploratório - é cada vez mais reconhecido como componente essencial do desenvolvimento saudável”. Logo, o

brincar ao ar livre precisa ser contemplado na vida das crianças, pois irá possibilitar uma melhor qualidade de tempo, saúde e brincadeiras para elas. Além disso, Lima (2020, p. 44) relata que “as brincadeiras e jogos em áreas verdes ampliam as possibilidades das experiências coletivas, do prazer e da alegria”. Perante esses questionamentos, creio que as brincadeiras ao ar livre fazem as crianças realmente se colocarem à disposição daquele espaço, usando a imaginação e a criatividade, por não estar tudo pronto, é algo que parte delas.

Dessa forma, as crianças necessitam de espaços amplos para brincarem, com brinquedos diversificados e menos estruturados, que possibilitem a criação, a imaginação. Tendo em vista que a infância vem sendo lapidada em quatro paredes, é urgente a tomada de medidas para romper com essa situação. Nessa direção, concordo com os argumentos de Castelli (2019, p.201), ao afirmar que “dessa forma, materiais ou brinquedos não estruturados, da natureza, carregam uma maior abertura em termos de sua utilização e até mesmo na criação de outros brinquedos”. Sendo assim, as crianças quando têm contato com materiais recicláveis – como garrafas, caixas –, e naturais – como galhos, folhas, entre outros –, são desafiadas a saírem da zona de conforto, instigando-as para construírem suas próprias brincadeiras. Esses tipos de brinquedos despertam a atenção, a curiosidade das crianças e, pelo fato de que foram elas que criaram, não serão todos iguais.

Logo, além da natureza promover benefícios a saúde e bem-estar das crianças, ela também proporciona aprendizagens concretas que mobilizam os pequenos a aproveitarem cada momento como sendo único. Ademais, relacionado a esse fato, Delorme (2019, p. 49) compreende que “as diversas texturas, cores, sons e odores dos materiais que a natureza oferece, permitem que as crianças tenham experiências sensoriais para o seu desenvolvimento”. Portanto, ao ser ofertado para as crianças diferentes materiais e texturas, elas podem primeiramente conhecer objetos que são diferentes dos que diariamente veem nas salas de aula – os lápis de cor, canetinhas e giz de cera –, e podem tocar e fazer novas cores com folhas, temperos, dentre outros, ampliando cada vez mais o repertório e dando chances para elas realmente possam experimentar os materiais. Indo ao encontro desses argumentos, Castelli (2019, p. 221) enfatiza que “a natureza é bastante potente ao provocar os diferentes sentidos humanos: muitos estímulos táteis (a textura das diferentes folhas e superfícies, a consistência da areia, o frescor da água)”. Tendo em vista essas colocações, são estes contatos, experiências, toques com diferentes texturas, brincadeiras com diferentes elementos da natureza, um tempo de qualidade que precisa ser levado em conta para oferecer vivências e tempos significativos para as crianças. Considero que são benefícios que a natureza proporciona, por isso seu contato é necessário.

O brincar, para algumas famílias, deve ocupar o tempo mínimo possível nos ambientes escolares e o que deve prevalecer são as atividades. Ao se tratar dos ambientes ao ar livre, as queixas e impossibilidades de usar esse ambiente são alarmantes, pois na maioria dos casos não é reconhecido como pedagógico, mas como um lugar onde não se faz nada. Nesse sentido, concordo quando Tiriba (2018, p.105) argumenta que “[...] o mundo ao ar livre não é identificado como espaço de intervenção pedagógica. As atividades ao ar livre são

reconhecidas como importantes, mas no cotidiano elas não têm prioridade”. Infelizmente, os espaços externos não são vistos como ricos para as aprendizagens, ou seja, essa situação é vista como forma de matar o tempo, mas, pelo contrário, acredito que quanto mais as crianças tiverem contato com a natureza para além do espaço escolar, mais benéfico será.

Mediante essas questões, se faz necessário que o contato com a natureza se faça presente nas escolas, que as crianças percorram o entorno das intuições de ensino, que possam ir em uma praça. Para isso ocorrer é necessário que as pessoas aprendam a respeitar a natureza, percebam suas maravilhas, a partir do seu cheiro, cores, e tudo que ela tem para mostrar. Desse modo, é necessário que se tenha ambientes externos que possibilitem este contato com a natureza, ao invés de viver só no concreto. Nessa direção, Guerra (2023, p. 120) destaca que “as cidades, em uma leitura pedagógica voltada à exploração, podem ser ambientes educacionais, cujas ruas podem ser para as crianças “um livro aberto, maravilhosamente ilustrado [...]”. Conforme o excerto acima, vejo que as cidades podem contribuir com as aprendizagens das crianças, visto que muitas delas não conseguem se apropriar desse espaço. Mas para isso ocorrer, escolas e famílias têm que compreender a importância e o quanto a ocupação desses espaços agrega algo para as crianças, como por exemplo, exploração do ambiente, repertório cultural, costumes etc.

Diante disso, é urgente pensar em ações que mostrem para a sociedade os benefícios que o contato com a natureza desencadeia na saúde, bem-estar, alimentação e educação das crianças. Atrelado a isso está uma vida mais saudável, ecológica, que ajudará o meio ambiente e as próprias pessoas. Ademais, Oliveira et al (2022, p.68) enfatiza que:

[...] a natureza melhora marcos importantes de uma infância saudável – imunidade, memória, sono, capacidade de aprendizado, sociabilidade, capacidade física – e contribui significativamente para o bem-estar integral das crianças.

Nesse sentido, noto que as crianças não devem ser privadas de ter esse contato, visto que é a partir desse convívio com a natureza que, além de propiciar uma saúde de qualidade, faz com que elas ampliem suas visões e sentidos, tornando-se capazes de enxergar a natureza nas pequenas coisas e admirar suas belezas.

As moradias estão menores, os pátios deram lugar ao concreto, a grama sintética. Os brinquedos são de plásticos, as crianças passam mais de doze horas em ambientes escolares, frequentando minimamente os espaços externos. Mesmo nas escolas a realidade que deveria ser diferente, repete o mesmo padrão. Em vista disso, Tiriba (2018, p. 84) argumenta que “e mesmo ao ar livre, o chão que pisam é prioritariamente de cimento e brita, a terra, a areia não são elementos de sua intimidade, a água não está ao alcance, nem no mundo à vista”. Esse fato se relaciona com a questão de se manter os ambientes escolares limpos, para não dar trabalho, porém as crianças acabem sendo impedidas de terem um contato amplo com a natureza e ficam reféns do cimento.

As crianças ficam emparedadas, em espaços apertados, com janelas no alto, impossibilitando a vista do lado de fora. Quando se pensa em espaço ao ar livre, o que ocorre é a ida aos pátios e nada mais; faltam propostas que contemplem esses espaços externos, com

intencionalidade, de modo que não seja só um tempo de relaxamento. Diante disso, concordo com o argumento trazido por Lima (2020, p. 59), “o espaço, enquanto um importante elemento constituinte do currículo, precisa fundamentalmente ser considerado e discutido durante o planejamento das ações pedagógicas na educação infantil”. Entretanto, pensar no contato com a natureza diz respeito aos ambientes fora e dentro, não somente dos ambientes escolares, mas também pela cidade. Sendo assim, ações pedagógicas precisam ser feitas e pensadas para as crianças ocuparem esses espaços.

Nesse sentido, é importante refletir a partir da colocação de Guerra (2023, p.124) que “cada área possui características que possibilitam oferecer oportunidades de aprendizado para as crianças, desde que haja disposição por partes dos adultos, para, em primeiro lugar, reconhecer essas áreas como ambientes significativos”. Ou seja, esses ambientes precisam ser vistos como potentes para as crianças poderem explorar, conhecer de modo que o adulto vivencie esse espaço também, ao invés de ficar privando a criança de se relacionar com o ambiente.

Mas se nem nas escolas e nas famílias as crianças têm contato com a natureza, essa vivência vai sendo perdida, trazendo prejuízos para a vida deles, pois acabam ficando mais sentadas em frente a aparelhos eletrônicos, ansiosas, sedentárias, e as perdas vão sendo empurradas para a vida adulta, podendo acarretar um transtorno do déficit de natureza, termo criado por Richard Louv em seu livro *A Última Criança na Natureza*. Segundo Louv (2016, p. 58), trata-se de “descrever os custos da alienação em relação a natureza, incluindo a diminuição no uso dos sentidos, a dificuldade de atenção e índices mais altos de doenças físicas e emocionais”. Logo, o rompimento com a natureza acarretará malefícios no desenvolvimento das crianças, pois elas acabam deixando de lado o bem-estar que o ar livre proporciona e acabam conectadas ao mundo virtual, repleto de armadilhas para capturar os indivíduos.

Além do contato com a natureza estar sendo restrito nos ambientes escolares, ainda é vista como um ambiente sujo, perigoso, impróprio para as crianças e desencadeadora de doenças, decorrente de uma cultura de limpeza, no qual o lado externo é visto como impróprio, pois as crianças precisam retornar para casa impecáveis. Por meio dessa constatação, Tiriba (2018, p. 94) afirma que “[...] as áreas ao ar livre são percebidas como espaços de insegurança. Aí tudo pode acontecer: é o lugar do vento, da chuva, da terra, enfim, dos elementos e fenômenos da natureza, onde está a sujeira”. Esses pré-julgamentos são impostos para as crianças, que quando chegam na escola ficam receosas do contato com a natureza. Assim, é preciso que as famílias sejam reeducadas e reconheçam os benefícios de estar em contato com a natureza, a fim de que as crianças não sejam privadas de conviver com esse ambiente.

Algumas vezes, os adultos depositam nas crianças seus traumas e vivências ruins que tiveram com algo e acham que podem interferir para não acontecer as mesmas coisas com as crianças. De acordo com Lima (2020), as famílias, por não terem tido uma experiência boa com a natureza, acabam afastando as crianças deste contato, mediante esse contexto algumas escolas refletem a respeito dessa ausência, e quando têm o espaço promovem o contato.

Todavia, há famílias que julgam esse convívio como perigoso, ou que só traz sujeira e não deixam que seus filhos usufruam deste direito, muitas vezes, inviabilizando estas ações no ambiente escolar, por meio de reclamações. Nesse sentido, Tiriba (2018, p.246) enfatiza que , “o que pode perceber é que, em realidade, somos nós, adultos, que estamos aprisionados aos próprios esquemas, ou melhor, aos limites que nos foram impostos, na vida escolar, na família, no trabalho”. Sendo assim, vejo a necessidade de driblar essas questões e ir em busca de ações concretas para não afastar as crianças da natureza.

Desse modo, é importante salientar os benefícios que a natureza desencadeia na vida das crianças, principalmente no âmbito educacional. Se as escolas oportunizarem às crianças esse contato mais livre, onde possam tocar os pés na grama, fazer barro, subir em árvores, brincar com gravetos, pedras, mexer o corpo livremente, ganhos na aprendizagem, assim como no bem-estar e desenvolvimento delas, serão vistos. Lima (2020) enfatiza que quando é possibilitado que as crianças corram, brinquem em áreas verdes, o controle excessivo é abandonado, os corpos entram em contato direto com o corpo da natureza. Logo, quando as crianças realmente se apropriam desse espaço que é tão temido pelos adultos, a rigidez e a cobrança por estar tudo correto e postura que as crianças devem ter desde cedo são deixadas de lado. Nesse viés, é possível observar nos argumentos de Tiriba (2018, p.246), “os movimentos de liberdade e expressividade das crianças assustam os adultos; talvez porque, numa sociedade marcada por controle e racionalidade, perderam o contato com as sensações [...]”. Se por um lado, vejo que as crianças nos espaços ao ar livre querem descobrir, aproveitar o lugar que é amplo, permitindo que elas possam correr, pular, escalar, para os adultos, torna-se um momento de desespero, por acharem que as crianças vão se perder, não vão escutar, e o regramento será perdido, mas compreendo que com uma conversa prévia com as crianças é possível ocupar esses espaços, com segurança e atenção. O que falta a muitos adultos é o comprometimento e o olhar atento para com as crianças, que resulta em espaços nos quais o contato com a natureza muitas vezes sejam impossibilitados para elas.

Considero ainda que, o contato com a natureza deve ser realizado diariamente, tanto dentro do espaço escolar, mas também fora dele, de modo que as crianças possam sair mais do ambiente escolar e ir em busca de mais repertórios verdes pela cidade, em praças, parques, no entorno da escola, com direito a tocar na grama, na água, tomar banho de chuva, pular na lama, se desafiar a escalar uma árvore, onde a infância seja mais livre. Contudo, Guerra (2023, p. 125) destaca “assim, o encontro com o exterior torna-se uma exceção e não consegue se incorporar em um *habitus*”. Concordo com o autor, ao observar que, a realidade que vem sendo deparada nas escolas, onde em sua grande maioria, os espaços internos ganham mais visibilidade. Diante dessas colocações julgo a necessidade de inverter essas ações de confinamento das crianças e proporcionar cada vez mais o contato ao ar livre para elas. Como salienta Tiriba (2018, p. 43), “[...] são fundamentais as experiências em hortas, jardins, pomares, matas, trilhas ecológicas, assim como são necessárias propostas pedagógicas fundamentadas em sentidos amplos e profundos [...]”. Sendo assim, são esses contatos que acredito que precisam estar nas vivências das crianças, dentro do ambiente escolares, mas também para além deles, com tempos de qualidade, para que elas tenham uma

infância aberta para descobertas, criações, explorações, em um espaço externo rico de possibilidades.

2.1 EDUCAÇÃO INFANTIL E NATUREZA NOS DOCUMENTOS CURRICULARES

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e está respaldada na lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e em documentos que preconizam o cumprimento de medidas que devem ser asseguradas na promoção dos direitos e das aprendizagens das crianças e na organização e articulação de propostas pedagógicas. Desse modo pretendo, analisar o que consta nos documentos legais, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), referente a Educação Infantil e natureza.

Tendo em vista que as crianças são seres de direitos, que pertencem a sociedade e devem ser amparadas por leis que mantenham dignamente seus direitos, a escola é um espaço que irá ajudar a efetivamente serem cumpridas todas as metas para se adquirir uma educação de qualidade, que realmente seja pensada para as crianças.

Mas essa concepção de criança é recente. Antigamente, as crianças eram vistas como miniadultos, que já nasciam prontas para a vida. Atualmente, segundo Soares (2016, p. 17), “é a de uma criança sujeito social, em que se garante uma incorporação nas normas e valores da sociedade, bem como o resgate e a satisfação da sua autonomia e necessidades”. Ou seja, elas devem ser respaldadas por leis que coloquem em vigor seus direitos. Juntamente com essas questões Barbosa (2014, *apud* SOARES, 2016, p. 18) defende, uma nova concepção de infância trazida pela Sociologia, “onde as crianças passaram de seres determinados pelas culturas para agentes produtores de cultura”. Mediante o exposto, o contato com a natureza é direito das crianças.

Entretanto, é nos Parâmetros Nacionais de Qualidade para Educação Infantil (BRASIL, 2006, p. 8) objetivam “estabelecer padrões de referência, orientadores para o sistema educacional no que se refere à organização e funcionamento das instituições de Educação Infantil”, esse documento busca provocar debates e reflexões para se construir uma educação de qualidade. Diante desse fato, é a partir dos PNQEI - Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil (Brasil, 2006) que a natureza começa a ser mencionada, levando em conta os problemas climáticos que vem acontecendo. Assim, “a visão da criança como ser que é também parte da natureza e do cosmo merece igualmente destaque”. Sendo assim, neste documento é preconizado a apropriação de significados no mundo da natureza e de culturas nas escolas, e busca incentivar e apoiar as crianças, através de vivências concretas.

Nessa mesma linha, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 2009) afirmam que a criança é um:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.

Nesse contexto, acredito que, para as crianças alcançarem esses direitos, a escola deverá estar a par desses documentos e proporcionar aprendizagens que contribuam com o desenvolvimento do que está proposto neles. Assim como refletem Flores e Tiriba (2016, p.169), “uma proposta curricular pressupõe maneira de compreender e de desejar a vida. Pressupõe, portanto, formas de conceber o ser humano, a sociedade, o conhecimento”. Logo, compreendo que, o currículo é o guia da ação educativa que, pelo fato de que, dependerá das concepções de vida, dos elementos culturais que se articulam para formular este currículo. Nessa direção, Soares (2016) aponta que a partir das DCNEI (BRASIL, 2009), a concepção de currículo para a Educação Infantil é de uma etapa indivisível, baseada nas brincadeiras e nas interações como eixos norteadores da proposta pedagógica.

Tendo em vista que, para muitos adultos as crianças devem brincar minimamente. De acordo com os argumentos de Tubino e Albuquerque (2021, p. 7) é possível observar que:

Embora as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, 2009), em seu Art.4º, afirme que o foco do currículo são as crianças, suas interações e a brincadeira, ainda encontramos no dia a dia das escolas uma grande preocupação com o produto das experimentações e com as expectativas dos adultos.

Logo, os familiares das crianças querem ver resultados, que as crianças aprendam rapidamente a contar, a ler. Que deixem de lado o ser criança. Tiram o direito de elas brincarem, descobrirem coisas. Pelo contrário, o brincar possibilita muitas aprendizagens e, como consta nos documentos legais como as Diretrizes, elas devem brincar bastante, pois se elas não forem possibilitadas de brincar, experienciar na Educação Infantil, depois mesmo que não vão vivenciar esses momentos. Sendo assim Barros (2023, p.63) destaca que “o planejamento do pátio escolar e a inserção de diversos elementos organizados de forma intencional poderiam aumentar não só as possibilidades do brincar, como também a qualidade do ensino curricular [...]”. Isso quer dizer que a rua também pode ser uma sala de aula, onde se aprende com o movimento, com o toque, o olhar e se faz pesquisa.

Diante disso, é por meio das propostas pedagógicas que é possível enxergar suas funções e o que se pretende fazer em sala de aula para desenvolver uma aprendizagem integral, e, a partir delas será capaz de perceber quais objetivos estão sendo vivenciados com as crianças e de quais maneiras. De acordo com as DCNEI (BRASIL, 2009, p. 16), as propostas pedagógicas devem ser norteadas por três princípios:

- a) Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades;
- b) Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;
- c) Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais.

Assim, considero que são princípios que promovem uma democratização da educação, tendo em vista que todas as instituições de ensino deverão estabelecer esses princípios em suas propostas diariamente.

Contudo, mesmo que o contato com a natureza e com os espaços externos também já tinham determinado peso, nas DCNEI (BRASIL, 2009) as escolas ainda não tratam a natureza como importante para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. As, DCNEI (BRASIL, 2009, p. 19), enfatizam que:

as crianças precisam brincar em pátios, quintais, praças, bosques, jardins, praias, e viver experiências de semear, plantar e colher os frutos da terra, permitindo a construção de uma relação de identidade, reverência e respeito para com a natureza.

Logo, deve ser proporcionado as crianças essas vivências diariamente para que elas possam, além de construir relações com o ambiente, se apropriar e interagir com ele, para além do espaço escolar.

Nessa direção, a educação é respaldada por mais um documento, a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2017), que tem um caráter normativo que visa fazer com que os alunos desenvolvam aprendizagens progressivamente ao longo das suas trajetórias escolares. Ao analisar a base, foi possível observar que, por meio dos direitos de aprendizagens: conviver, de brincar, de participar, de explorar, de expressar-se e conhecer-se, fica assegurado que as crianças possam lidar com seus anseios, envolver-se com suas aprendizagens, conviver com seus pares e com as diferenças e que sejam escutadas. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), dos seis direitos, dois deles, o brincar e explorar, considero que adentram a natureza para suas ações.

Brincar: cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.

Explorar: movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BRASIL, 2017, p.34).

Diante do exposto, é possível observar que por mais que a relação das crianças com a natureza seja evidenciada nos documentos legais minimamente, já foi dado um passo para serem colocados em prática mais ações que tragam o contato com a natureza para as vivências diárias delas nas escolas. Ainda assim, Flores e Tiriba (2016, p. 173) destacam que, “as versões divulgadas da BNCC evidenciam a realidade de que continuamos a educar as crianças como se não houvesse emergências planetárias. [...] não há ênfase em experiências que assegurem um cotidiano de interações afetivas e de apelo a natureza.”

A partir do exposto advogo que, as escolas precisam propor para as crianças experiências que contemplem a natureza, não somente com a criação de um projeto que dure alguns dias, mas que faça parte diariamente do ambiente das crianças. A ligação com a terra, com o barro, com a água com folhas, sementes e tudo que a natureza os oferece, tendo em vista que esses direitos vão além de só obter conhecimentos, mas constituem os indivíduos como seres potentes, que criam, desejam, e realmente se envolvem com as aprendizagens para além da escola.

Assim sendo, na próxima seção abordarei sobre os fatores que fazem as crianças precisarem estar em contato com a natureza.

2.2 POR QUE AS CRIANÇAS PRECISAM DO CONTATO COM A NATUREZA?

Tendo em vista que a sociedade contemporânea vem se constituindo por indivíduos que vivem constantemente acelerados, fazendo suas tarefas no automático, e, cada vez mais, desencadeando a falta de contato físico entre as pessoas por conta do uso desenfreado das tecnologias, principalmente das redes sociais. Se faz necessário criar estratégias que façam elas realmente interagirem com o espaço, pois o que vem ocorrendo é um sedentarismo das crianças em virtude das telas. Castelli (2019, p. 140) argumenta que “estar em frente a um aparelho eletrônico parece ser uma forma de mais facilmente controlar as crianças, de evitar que se sujem, que corram, que façam barulho”.

Corroborando o exposto, vejo a necessidade de as crianças estarem em meio a natureza a fim de favorecer uma infância mais livre, aberta para descobertas, deixando-as se movimentarem com liberdade. Concordo com Louv (2016), que faz um alerta sobre o Déficit de natureza que vem sendo construído, devido à falta do contato com ela.

Nessa direção, Louv (2016, p. 53) relata que “inúmeros estudos mostram uma redução do tempo de lazer nas famílias modernas, mais tempo diante da televisão e do computador, além do aumento da obesidade entre adultos e crianças [...]”. Acredito que é necessário convocar as crianças para os espaços externos e mostrar para elas as riquezas que esse ambiente agrega, começando por colocar os pés no chão, correr livremente, escalar uma árvore.

Visto que estas relações interferem negativamente na vida das crianças, é preciso repensar os hábitos que vêm sendo construídos, como destacam Horn e Barbosa (2022), argumentando que, para o futuro do planeta, as crianças precisam se situar no mundo, desenvolvendo uma relação direta com o corpo e os espaços e que possam ser escutados. Ou seja, os adultos precisam dar voz para às crianças, e realmente se fazerem presentes diante delas. Desse modo, conforme elas se sentirem pertencentes ao espaço, a relação que se constrói com o meio natural vai se moldando. Corroborando com esse argumento, Sarmiento (2011, p. 27 *apud* TUBINO E ALBUQUERQUE, 2021, p. 21) enfatizam que, “para lidar com essa visão centrada no adulto, é preciso que se esteja disposto a entender os desejos e necessidades do desenvolvimento das crianças. Dessa forma, apresenta que, para sair dessa postura adultocêntrica, é preciso “ouvir a voz das crianças”.

As crianças, entretanto, necessitam estar em contato com a natureza, pois ela propicia um desacelerar das rotinas impostas pelo dia a dia, estabelecendo uma relação momentânea, onde cada acontecimento é único, e com isso é preciso se conectar com o que está acontecendo. Através deste contato livre, sem algo imposto, é possível notar, segundo Lima (2020 p. 32) que “para as crianças o convívio com a natureza é uma condição essencial para o seu desenvolvimento e aprendizagem, para sua alegria, bem-estar e para sua saúde”. Diante dessa colocação, entendo que o contato com a natureza para as crianças além de ser fundamental para uma qualidade melhor de vida, deixa elas livres para desbravar o que estão

sentindo ou querendo naquele exato momento, pelo fato de que o ambiente ao ar livre está sempre em constantes mudanças. Por esse caminho, Zanon (2018, p. 14) enfatiza que “natureza é nutrição. Ela restaura, pacífica, aguça a potência imaginativa, contribui para o equilíbrio interno, colabora para o desenvolvimento, reequilibra a nossa humanidade”. Nesse sentido, acredito que as crianças precisam da natureza, pelo fato de que são construídas relações de respeito, cuidado com o próximo, aprendem a viver no coletivo, a serem mais pacientes e a preservar tudo que nos rodeia, pois a natureza antes de tudo está em cada um de nós.

Os espaços ao ar livre proporcionam às crianças uma vasta interação com o ambiente. Os corpos são os primeiros a serem beneficiados, desde o momento que escalam uma árvore até quando estão escavando um buraco, visto que os movimentos não são os mesmos e têm total liberdade para se mexer, diferente do que ocorre nas salas de aula, onde a mesma postura precisa ser mantida por longos períodos. Nesse viés, concordo com os argumentos de Horn e Barbosa (2022, p.49), quando afirmam que, “as aprendizagens na primeira infância não são resultados de lições, mas de processos de vida, de encontros, de observações, de perguntas, descrições, imitações, investigações”. Ou seja, a natureza proporciona aprender com o inesperado, com o tempo presente e isso é fundamental para as crianças se desenvolverem, e, assim, se tornarem mais atentas para observar o seu entorno.

Além dos corpos, a imaginação, a criação, a saúde e o brincar são beneficiados quando estão em contato com a natureza, pois é um ambiente aberto de possibilidades onde as crianças podem desfrutar de diferentes maneiras, interagir com os outros ou sozinha, desprender dos medos e tentar driblá-los; todas essas questões se atrelam ao contato com a natureza. Além do mais, desde pequenas será desenvolvido um olhar mais consciente com o ambiente e o planeta. Conforme Lima (2020), os movimentos espontâneos das crianças por se guiarem pelos seus desejos, escolhas, ritmos, saberes são fundamentais para a expansão da subjetividade. Diante disso, as crianças escolhem o que vão fazer de acordo com seus interesses, sem algo pré-determinado. Nesse sentido, concordo com Louv (2016, p. 77) ao dizer que “as crianças precisam da natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade”. Isto é, a natureza amplia capacidades cognitivas, faz com que as crianças se desenvolvam mais, pelo fato de não ficarem paradas fazendo os mesmos movimentos por horas; elas se mexem, olham para diferentes cores e objetos, testam seus limites e aprendem uns com os outros.

Diante disso, para Louv (2016), dentre os benefícios do contato com a natureza, estão a melhora na saúde física e mental, na aprendizagem e no desempenho escolar, na redução dos sintomas relacionados ao déficit de atenção e hiperatividade. Enfim, é necessário que as crianças tenham acesso a esse ambiente, porque amplia seus sentidos e, para isso acontecer, as escolas, famílias e cidades precisam investir em mais espaços ao ar livre, mas que não coloquem somente brinquedos de plásticos, que as crianças tenham o contato com a grama, terra, água em um espaço, se possível, amplo.

Logo, o brincar é fundamental para as crianças estarem em contato com a natureza, visto que elas podem desfrutar do desconhecido, procurar novas funções e formas para o que

já conhecem ou para o novo. Em tal direção, é necessário que tenham tempo suficiente para criar seus próprios brinquedos, que coloquem o corpo em contato com a terra, a água, que plantem e colham. Os brinquedos da natureza são acessíveis a todos, independentemente da classe social e, além do mais, podem ser transformados, criados, levados para outros lugares, mas tudo isso só irá ocorrer se os adultos estiverem dispostos a permitir que essa interação ocorra. Diante disso, Delorme *et al* (2019, p. 32) enfatiza que “a brincadeira livre, em um ambiente natural, contribui para o desenvolvimento integral das crianças. Corroboro com o dizer de Delorme *et al* (2019) e julgo necessário as crianças estarem cada vez mais em contato com a natureza, brincando e aproveitando o ambiente, pois além de construírem uma relação harmoniosa com o espaço e, assim, cuidando para ele ser preservado, para o desenvolvimento e aprendizagem é um grande laboratório a ser explorado.

Dessa forma, as crianças necessitam desse contato, pois conforme foi visto, além de trazer benefícios para a saúde e desenvolvimento das crianças, possibilita que o mundo seja visto de perto, através do toque, da observação, da experimentação. Indo a esse encontro, Delorme *et al* (2019) é impulsionada pela perspectiva que o brincar livre e com a natureza amplia o repertório das crianças, faz com que suas visões de mundo sejam ampliadas e vistas com mais brilho. Se as escolas mantiveram esta preocupação, em oportunizar a ocupação com espaços ao ar livre e buscarem efetivamente mudar suas propostas pedagógicas contemplando o contato com a natureza para além dos espaços escolares, esse direito poderá ser garantido. Sendo assim, considero que as crianças devem ter mais contato com os espaços ao ar livre do que nos espaços fechados, uma vez que:

Diferentemente da televisão, o contato com a natureza não rouba o tempo, mas o amplia. [...] A natureza inspira a criatividade da criança, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos. [...] Na natureza a criança encontra liberdade, fantasia e privacidade. (LOUV,2016, p.30)

Posto isso, acredito que a natureza deve fazer parte do dia a dia das crianças, em virtude de que o contato com esse ambiente amplia as relações entre as pessoas e fortifica a aprendizagem, desenvolve ainda mais a capacidade de exploração, a curiosidade, o cuidado consigo e com o próximo, sem contar que as crianças se tornam mais preocupadas em cuidar do planeta. Diante dessas colocações, na próxima seção abordarei sobre o desemparedamento da infância e as suas relações com os espaços externos.

2.3 DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA: REFLEXÕES PARA PENSAR A RELAÇÃO DAS CRIANÇAS COM OS ESPAÇOS EXTERNOS

O emparedamento diz respeito ao concreto, a estabilidade dos corpos e movimentos, a ruptura entre criança e natureza, ao consumismo desenfreado, fato que se relaciona com a crescente urbanização e a falta de segurança das cidades: em virtude desse contexto as crianças acabam ficando confinadas em ambientes fechados. O termo emparedamento foi cunhado por Tiriba (2018, p. 17), que diz, “criei a expressão emparedar para designar a ação de manter as crianças entre paredes nos muitos espaços além das salas de atividades das Instituições de Educação Infantil”. Entendo que a permanência das crianças, por muito tempo em quatro paredes, se relaciona ao domínio de seus corpos, pois desta forma é mais fácil mantê-las seguras, além de que os espaços externos são vistos como impróprios, pois,

de fato muitas vezes falta segurança. Todavia, considero que é fundamental que as crianças tenham oportunidade de vivenciarem experiências nos espaços externos.

Nas escolas a realidade não é diferente. As crianças acabam ficando por horas em ambientes fechados, sem ao menos poder enxergar o espaço externo pela janela, muitas vezes fora do alcance delas. Assim, as crianças crescem sem estabelecer uma relação de interação com os espaços abertos, e deixam de aproveitar seus encantamentos e riquezas. Nesse viés compreende-se o que Louv (2016, p.24) aponta ao dizer que, “as instituições, o design dos grandes centros urbanos e do subúrbio e o comportamento cultural associam de forma inconsciente, natureza à destruição - enquanto desassocia estar ao ar livre de alegria e solitude.” Perante isso, a natureza é vista como um bem consumível e perde-se a noção que tudo faz parte dela e será preciso ressignificar os modos como ela é vista para romper com o emparedamento.

Tendo em vista a privação de tempos de qualidade nos espaços externos, reflito com Lima (2020, p. 46) que “na educação infantil controlam-se os corpos mantendo as crianças sentadas a maior parte do tempo em espaços fechados, sem a visão do entorno, sob o olhar fiscalizador do educador”. Logo, o emparedamento é gritante, e mesmo que elas não fiquem sentadas por muito tempo, há um limitador, que é o tamanho das salas, que na maioria das escolas são pequenas.

Entretanto, a forma de fazer com que as crianças fiquem retidas em um ambiente fechado para não se dispersarem, vai contra os direitos das crianças de terem uma infância aberta a descobertas e a aprendizagens, pois os espaços externos permitem conhecimentos mais profundos. Nessa mesma direção, Tiriba (2018, p. 151) enfatiza que:

[...] a proximidade do mundo natural ameaça, não apenas porque está associada ao perigo, a sujeira, a doença e à morte, mas também porque não interessa a essa lógica o relaxamento, a criatividade, a liberdade do corpo-mente.

O que prevalece é a busca por ganhar etapas, não importa como. Fato que é evidenciado nas reflexões de Tiriba (2023), de que a mente das crianças em seus corpos presos está em risco de aprender menos, em virtude de um modelo racionalista que limita, submete.

Diante dessas questões, é necessário pensar em maneiras para eliminar o confinamento das crianças não somente nas escolas, mas em todos os lugares que elas ocupam, de modo que não seja tarde. Tiriba (2018, p. 21) destaca que:

brincar na areia, [...] encantar-se com a beleza das flores, tomar banho de chuva, criar uma escultura a partir de um galho e descobrir como a vida se desenvolve são experiências importantes que colocam a criança frente à beleza e ao mistério da vida.

Nesta mesma direção, Soares (2016, p. 25) relata que, “[...] organizando o ambiente externo de forma a estabelecer relações de aprendizagens entre as crianças e os adultos, é ir além de perceber o pátio e praça como apenas uma área recreativa, e sim como um

significativo espaço de descobertas.” Esse é o primeiro passo para desemparedar as crianças e ir em busca de utilizar cada vez mais os lugares externos, que proporcionam muitas aprendizagens e uma vivência real.

Tendo em vista que o emparedamento não traz nenhum benefício para a saúde ou para a aprendizagem e bem-estar das crianças, pelo contrário só desencadeia problemas, se faz necessário mudar as rotinas escolares e debater sobre essas questões nas escolas. Assim, como é possível refletir, concordo com a afirmativa de Barros (2018, p.64) de que, “[...] a organização, a composição e o uso dos espaços da escola deixam de ser processos estanques, com começo, meio e fim, para se tornarem processos vivos, que refletem a trajetória, o momento de vida e a diversidade da comunidade escolar que o habita”. Isso só vai ocorrer quando tiver muito diálogo entre escolas, famílias e vontade de colocar a mão na massa para mudar os espaços ao ar livre, que muitas vezes é cheio de brinquedos de plásticos estáticos que oferecem, pois, oportunidades de criação.

Como forma de romper com esse enquadramento dos corpos das crianças e se apropriar dos espaços externos tanto das escolas como da cidade, é necessário investir no desemparedamento dos corpos e dos espaços. Nessa direção, Tiriba (2023) argumenta que o desemparedamento faz com que as crianças se conheçam por inteiro, tenham voz e estejam abertas para explorar a natureza. Diante desse exposto, vem de encontro o que Louv (2016, p. 184), reflete que “o modo mais eficaz de conectar as crianças com a natureza é também conectar-se à natureza”. Isto é, aproveitar o máximo de tempo com a natureza, trazendo a escola, a família, comunidade para ocupar os espaços externos.

Possibilitar que as crianças adentrem os espaços externos, vai além dos muros da escola. As praças, os campos, a cidade e as materialidades devem fazer parte deste contato que busca oferecer diferentes vivências para as crianças. Nessa direção, Barbosa e Horn (2022) destacam que para se obter um bom espaço natural, deve-se pensar em palavras geradoras, como o sol, a luz, a chuva, a terra, as pedras, a areia, o barro, os galhos, as flores, a sombra e as frutas. Tais elementos devem estar presentes no dia a dia das crianças, por meio de propostas que convidem elas a participar da brincadeira, que tenham uma harmonia na disposição dos materiais, que não fiquem atirados em um canto. Corroborando com essas reflexões Tiriba (2018, p.201) propõe:

[...] precisamos afirmar a importância de desfrutarem de um ambiente bonito, arejado, iluminado pelo sol, que ofereça conforto térmico, acústico e visual. Mais que isso, repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades.

Diante do exposto, se faz necessário que nos espaços internos também deva ter elementos que proporcionam uma interação com a natureza. Porém, a ocupação dos espaços externos pelas crianças na escola é uma batalha que precisa de muito apoio, da sociedade, das famílias e das instituições de ensino, pois por mais que o professor comece por sua sala de aula, para ir além disso é um passo bem grande, mas que acredito que seja possível. Corroborando com essas afirmações, Tiriba (2018) diz que não importa onde esteja situado

uma escola de Educação Infantil, os muros precisam ser ultrapassados e desemparedados, e as famílias, seduzidas para enxergarem o que está ao redor. Isto é, as famílias necessitam sair do automático e aproveitar o momento quando estão junto com as crianças.

Na direção de ampliar as possibilidades de interação com os ambientes externos, é fundamental a criação de espaços para repouso embaixo de árvores, redes, casas nas árvores, gramas naturais, espaços com água, dentre outros, quanto mais diversificados os espaços, mais interação e autonomia será propiciado às crianças. Nessa direção, Castelli (2019, p.214) possibilita refletir sobre o que é possível construir para as crianças estarem em contato com a natureza, “propor uma diversidade sensorial de materiais, evitando utensílios de plástico, EVA e descartáveis entendendo que primeiro as crianças precisam experimentar a natureza”. Juntamente a isso, a escolha de materiais e brinquedos também é fundamental para as crianças estabelecerem relações com o seu entorno, criarem suas próprias histórias, e para que isso ocorra, a escolha criteriosa desses materiais fará com que aumente o repertório das crianças.

Desse modo, corroboro com os argumentos de Castelli (2019, p.205) de que “quanto mais variáveis as crianças têm para experimentar, portanto, quanto menos estruturados são os materiais, mais elas tendem a se envolver, pois têm mais possibilidades de agir e de aprender”. Para que isso seja possível, as crianças devem ter liberdade para enxergar as possibilidades de um material não estruturado, como, por exemplo, uma pedra, que pode se transformar em várias coisas. E isso, muitas vezes, vem sendo deixado de lado, e as crianças acabam perdendo essa capacidade de imaginar.

Portanto, brinquedos de madeira, utensílios de cozinha de madeira ou metal, materiais não estruturados e ferramentas devem ser oferecidos, às crianças em seus espaços externos. Por meio da diversidade de materiais dispostos às crianças, será possível observar os jogos simbólicos, as construções e interações que se estabelecem ao brincar. Ou seja, “nas mãos das crianças, os materiais se transformam, perdem seu uso original. Ora são torres um castelo, ora edifícios de uma grande cidade, ora transformam-se em uma ponte ou em um túnel” (HORN, BARBOSA, 2022, p.94). Acredito que são essas ações que não podem ser deixadas de lado, as crianças necessitam enxergar o mundo com seus olhares, explanarem seus desenhos e criações, e a escola deve ser uma porta de entrada para essas vivências.

Ao encontro dessas colocações, Horn e Barbosa (2022) refletem que ao proporcionar o contato com as áreas externas, devemos levar em conta, primeiramente, a escolha de um local, o tempo de experiência, que deve ser sem pressa, que os materiais sejam pré-selecionados, com intencionalidades, que as crianças tenham autonomia para escolher seus pares e até mesmo brincadeiras. Acredito que desemparedar os espaços é a promoção da liberdade dos corpos, é a renovação de uma educação que se preocupa com os sujeitos e não apenas na transmissão de saberes. Por isso, é de extrema urgência que as escolas mudem seus modos de vivenciar as infâncias e deixem as crianças serem crianças e explorarem seus entornos.

Diante dessas colocações, na próxima seção será possível conhecer projetos sobre criança e natureza que buscam se libertar do emparedamento.

2.4 PROJETOS SOBRE CRIANÇA E NATUREZA NO TERRITÓRIO NACIONAL

Tendo em vista que desemparedar as crianças dos espaços fechados, é uma ação necessária para o mundo e carece de investimentos públicos nas cidades. Além de algumas escolas estarem mais preocupadas em se equiparem com a última tecnologia. Apresento nessa seção, projetos que possibilitam uma visão eficaz, que se preocupam com o desenvolvimento das crianças e buscam uma educação desemparedada, proporcionando a interação com os pares, a autonomia, a criatividade, a investigação e a saúde.

Ao buscar por projetos sobre criança e natureza, foi possível perceber a necessidade de falar mais sobre este assunto, uma vez que não encontrei muitos projetos que desenvolvessem propostas relacionando a natureza e as crianças. Acredito que seja pela falta de interesse que a sociedade que não compreende a falta de contato das crianças com a natureza irá desencadear problemas para elas e para o meio que estão inseridas.

Por exemplo, o Programa Criança e Natureza, que é referência nacional e mundial, visa uma sociedade mais verde, onde as crianças possam fazer parte desse espaço tanto com suas famílias quanto com as instituições de ensino. O propulsor desse programa foi o Instituto Alana, uma organização sem fins lucrativos localizada em São Paulo, que tem por objetivo honrar as crianças, e com isso buscam proporcionar às crianças a livre experimentação dos movimentos com a natureza, respeitando seus ritmos e tempo.

Figura 1: Página inicial do site Criança e Natureza



Fonte: Website Criança e Natureza¹

¹ Disponível em: < <https://criancaenatureza.org.br/pt/> >. Acesso em: 26 de jul. 2023.

Figura 2: Criança explorando o galho



Fonte: Website Criança e Natureza²

A imagem foi retirada do site do Programa Criança e Natureza. Nele é possível olhar vídeos que mostram as questões ambientais, as crianças e a natureza; também é possível conhecer sobre o projeto, acessar livros digitalmente e notícias com ideias para deixar as crianças mais nos espaços externos, sugestões de brincadeiras, dentre outros. Além desse site, o Programa tem redes sociais, como o *Facebook* e lá é possível observar mais vídeos, imagens, sobre as atividades e palestras realizadas.

Figura 3: Crianças em meio a natureza



Fonte: Página do *Facebook* Programa Criança e Natureza³

² Disponível em: < <https://criancaenatureza.org.br/pt/> >. Acesso em: 26 de jul. 2023.

³ Disponível em: < <https://www.facebook.com/programacriancaenatureza/> >. Acesso em: 26 de jul. 2023.

Figura 4: Poça de água



Fonte: Página do *Facebook* Programa Criança e Natureza⁴

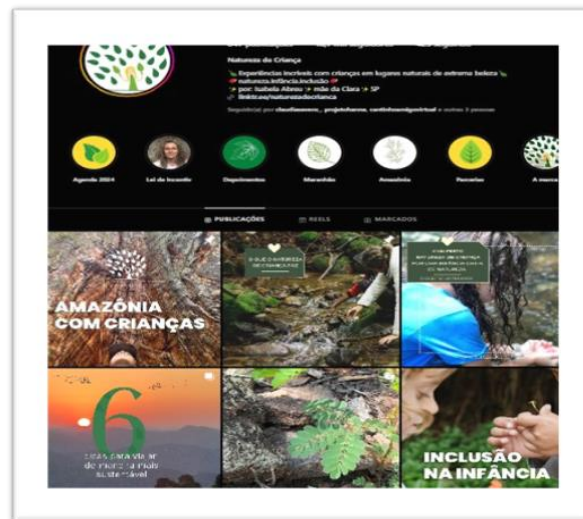
Por meio dessas fotos é possível observar a interação das crianças, a exploração do ambiente, o toque com o chão, e, com certeza, as inúmeras criações e histórias que surgiram a partir desses contatos. São por meio dessas evidências, a partir de conversas com as crianças, de saber como elas se sentem em estar em contato com a natureza que a sociedade irá caminhar para estabelecer uma relação de igualdade, de cuidado com as crianças. A sociedade necessita compreender, como afirma a fundadora e presidente do Instituto Alana, que “[...] basta deixá-las imaginar, observar, investigar, vivenciar e criar com as ferramentas naturais que elas têm; a natureza é a principal delas. Deixá-las serem crianças na essência do que a criança é” (VILELA, 2016, p.16). Ou seja, é oferecer materiais, ambientes para as crianças explorarem ao máximo esse ambiente.

Outro programa que destaco é *Natureza de Criança*, criado por Isabela Abreu, e que tem o intuito de aproximar as crianças das florestas. Tudo começou quando ela perdeu sua mãe e se viu na necessidade de fazer um projeto com as crianças deficientes visuais: em 2018 foram para a praia e o projeto foi ganhando adeptos para desbravar a natureza. As crianças além de adentrarem um ambiente totalmente diferente e enriquecedor, fortalecem os laços com seus familiares, pois as idas às reservas são acompanhadas de um responsável e elas conhecem outras pessoas das comunidades e lugares que frequentam.

Esse programa é grandioso e proporciona uma experiência incrível. É uma quebra de barreiras, pois viabiliza o contato com a natureza para todos, uns vão ajudando os outros a passar pelas barreiras criadas pelas trilhas e assim o viver em comunidade vai sendo demonstrado na prática para as crianças, que passam a ter mais empatia com os outros.

⁴ Disponível em: < <https://www.facebook.com/programacriancaenatureza/> >. Acesso em: 26 de jul. 2023.

Figura 5: Página inicial *Instagram* – Natureza de Criança



Fonte: Perfil do *Instagram* do projeto Natureza de Criança⁵

Figura 6: Crianças andando pela natureza



Fonte: Perfil do *Instagram* do projeto Natureza de Criança⁶

⁵ Disponível em: < <https://www.instagram.com/naturezadecrianca/> >. Acesso em: 26 de jul. 2023.

⁶ Disponível em: < <https://www.instagram.com/naturezadecrianca/> >. Acesso em: 26 de jul. 2023.

Figura 7: Crianças descobrindo o nome da árvore



Fonte: Perfil do *Instagram* do projeto Natureza de Criança⁷

Figura 8: Rosto de gravetos



Fonte: Perfil do *Instagram* do projeto Natureza de Criança⁸

Diante dessas imagens é possível observar que natureza possibilita uma infinidade de experiências; os corpos das crianças entram em constante contato com as diferentes texturas, temperaturas. Desse modo, além de estarem beneficiando a saúde, uma infância mais verde, livre será levada adiante, assim como, uma geração mais consciente. Nessa direção, Lima (2020, p. 41) reflete que “as crianças sentem necessidades de apropriação física, de pisar o chão, de pegar as coisas, experimentar”. Ou seja, as crianças precisam ocupar os espaços externos e vivenciar essas experiências, pois se na infância não for permitido esse contato, dificilmente quando crescer irão realizar.

⁷ Disponível em: < <https://www.instagram.com/naturezadecrianca/> >. Acesso em: 26 de jul. 2023.

⁸ Disponível em: < <https://www.instagram.com/naturezadecrianca/> >. Acesso em: 26 de jul. 2023.

Por mais que sejam pouco os projetos relacionados ao tema, acredito que os dois mencionados trazem uma visão da importância de mantê-los ativos, mobilizando mais pessoas a se engajarem e colocarem em prática nas suas regiões.

Em virtude dessa potencialidade que a natureza carrega, as crianças precisam desde cedo serem tiradas do emparedamento e colocados em espaços mais verdes, com vasto repertório, possibilitando que elas explorem, descubram, toquem, sintam o ambiente. Por isso, é necessário que os adultos, familiares, profissionais da educação se engajem com relação ao tema natureza, construam pontes entre as pessoas para criar e possibilitar que as crianças frequentem mais as praças, parques, hortas dos bairros, que as escolas prezem mais para os espaços com menos concreto e mais verde. Em tal direção, concordo com as reflexões trazidas por Tiriba (2018, p. 276) de que:

Será necessário seduzir as famílias a apurar os sentidos para as árvores, as gramíneas e suas flores, o azul do céu, as águas, os animais ao redor. Pois, especialmente nas cidades, estamos tão alienados desse universo que, via de regra, nem sequer nos damos conta do mundo natural que está a nossa volta.

Assim sendo, as famílias precisam voltar a pertencer e conhecer esses espaços ao ar livre, estar realmente imersos, sem distrações, dos celulares, como por exemplo, para só assim deixarem as crianças ocuparem esses lugares sem medos. Após o exposto, na próxima seção, abordarei sobre o que poderá ser feito para a promoção da relação entre criança e natureza na Educação Infantil.

2.5 PISTAS PARA A PROMOÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE CRIANÇA E NATUREZA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Tendo em vista que as crianças necessitam ocupar os espaços externos, a fim de não somente agregar conhecimentos, mas também fazer pelos benefícios a sua saúde, acredito que devem pertencer realmente ao ambiente no entorno das escolas que também deveria ser pensado para elas. Isso quer dizer, segundo Soares (2016, p.27) que “uma escola que busca a integração a espaços públicos, sejam eles ruas próximas, parques, praças ou espaços culturais do bairro”, estão promovendo, “uma alfabetização urbana” das crianças” (Nascimento 2009, p. 27 *apud* SOARES, 2016). Ou seja, as crianças passam a se apropriar do espaço compreendendo a sua importância e o que pode ser feito com ele. Nesse viés, se as crianças forem apresentadas a esses ambientes, tendo os adultos a devida preocupação de oferecer cuidado, respeito, segurança e aprendizagens, certamente elas irão ajudar na construção de espaços ricos. Desse modo, Tiriba (2010, p. 6) afirma que:

[...] é preciso reinventar os tempos, os espaços, as rotinas das instituições de Educação Infantil, possibilitando que as crianças tenham acesso à vida que está no entorno, isto é, possam manter e alimentar os elos que as afirma como seres orgânicos.

Diante do exposto, vejo que esse deve ser o passo inicial para propiciar que as crianças tenham um contato para além das instituições de ensino. Feito isso, as materialidades, os

brinquedos tanto das salas, como os do pátio precisam ir de encontro para promover nas crianças autonomia, curiosidades e o contato com a natureza.

Logo, os projetos educativos das escolas ao propor vivências que contemplem as infâncias e a natureza, deverão observar como é a configuração do pátio, se tem árvores, quais são os materiais dispostos naquele ambiente, com qual frequência as crianças utilizam o espaço. Nessa direção, Soares (2016, p. 25) reflete que

[...] pensar em disponibilizar materiais, objetos, elementos que propiciam atividades específicas no brincar e interagir das crianças da educação infantil, é ir além de perceber o pátio e praça como apenas uma área recreativa, e sim como um significativo espaço de descobertas.

Ou seja, é enxergar esses ambientes com intencionalidades e respeitar os direitos das crianças, compor espaços com qualidade.

Entretanto, compreendo que, sair para ir em um parque, praça, parar para escutar a sonoridades das cidades, o canto dos pássaros, observar os diversos tons de verde que se encontram nas folhas, subir em uma árvore, tudo isso é objeto de investigação pedagógica, que irá permitir reconhecer melhor cada indivíduo. Sendo assim, as crianças ficam mais livres para se locomoverem, tocarem, experienciarem, e não são tolhidas pelos adultos que devem permitir que vivam estes momentos. Nessa direção, Soares (2016, p. 27) argumenta que “[...] para garantir que as interações e as brincadeiras estejam presentes nas práticas pedagógicas, é preciso estar atenta às manifestações das crianças, aos seus desejos e interesses [...]”. É necessário ficar atento ao que as crianças estão falando, como são estabelecidas as suas brincadeiras e interação com o grupo, o que elas gostam e o que desperta atenção da turma, assim será possível propiciar ainda mais vivências para ampliar as experiências as aprendizagens das crianças.

Juntamente com esses argumentos, Lima (2020) enfatiza a importância de as crianças estarem vinculadas à natureza, a terem experiências em hortas, jardins, matas, pois assim, vão ter condições de se perceberem e estabelecerem trocas com os outros. Por esse viés, as escolas podem começar gradativamente a criar estratégias para compor essas vivências, e por mais que elas sejam pequenas, dá para iniciar, quem sabe, com a criação de hortas em garrafas, de andar pelo entorno da escola para ver o que tem na vizinhança; são pequenas ações que irão trazer muitos benefícios, não só para as crianças, como também para os adultos. Na mesma direção, Horn e Barbosa (2022, p.89) expõem que “um dos princípios a considerar para esta organização é o de criar ordem e flexibilidade no ambiente físico, proporcionando conforto e segurança a criança e adultos”. Sendo assim, não basta só colocar as crianças dispersas pelos espaços ao ar livre, tem que criar um ambiente acolhedor que instigue elas a descobrir o que tem ali, o que é possível fazer.

Tendo em vista que são raros os momentos em que as crianças brincam com águas, terra ou pisam no chão tanto nos ambientes escolares, como em suas casas, se faz necessário dar seguimento a promoção dessas vivências, pois não pode ocorrer somente em virtude de um projeto, ou em uma semana, deve ser constantemente. Ainda assim, é necessário pensar

em espaços que potencializem tanto o movimento quanto o repouso, a interação, e um momento para somente apreciar o ambiente, visto que as crianças, desde que chegam na escola, são bombardeadas por atividades que não fazem sentido para elas. Atividades que só buscam mostrar para os adultos que elas estão aprendendo, mas como salientam Horn e Barbosa (2022, p. 89), é necessário refletir para “além disso, é igualmente importante pensar em espaços com variedades de pisos/chãos, locais de sombra e sol”. É necessário fazer com que as crianças toquem, pisem, usufruam de espaços com configurações diferentes, pois elas podem observar e sentir quais texturas e ambientes elas gostam de ficar; até mesmo pensar na configuração das atividades do cotidiano em espaços importantes, a fim de que a aprendizagem não fique restrita às salas de aula.

Como forma de compor espaços que insiram as crianças nas criações, nas explorações, de modo que elas não recebam tudo pronto e realmente participem da composição do ambiente, concordo com Soares (2016, p. 63) quando ela enfatiza que a:

Oferta de brinquedos grandes, porém móveis poderia ser uma alternativa para que as crianças criassem as suas próprias estruturas fixas, que poderiam ser modificadas por elas e pela professora a cada dia, como com caixas de papelão, tecidos, pneus, pallets, pedaços de madeiras encaixáveis, canos ou troncos, construindo cabanas, tendas, esconderijos, degraus, e uma série de possibilidades originadas das ideias e interesses das crianças.

Diante do exposto, considero que são esses elementos e materiais com os quais as crianças devem ter contato diariamente, pois só assim a natureza e toda sua especificidade será contemplada. Além disso, Soares (2016) faz uma reflexão importante sobre saber dosar a quantidade de materiais, pois não adianta nada ter elementos e ambientes propícios para as crianças utilizarem se não tem material para todos, ou se estes estão dispersos. Além disso, tem que ter harmonia. Acredito, também, que o tempo de duração nesses espaços devem ser bem mais longos do que nos ambientes fechados, visto que a “quantidade, qualidade e diversidade de ambientes e materiais [...] vai interferir nas relações sociais entre as crianças, pois se há poucas opções, pode haver brigas entre elas, ao mesmo tempo que muitas opções não possibilitam as interações” (SOARES, 2016, p. 63). Juntamente com essas colocações, Barros (2018, p. 68) aponta sugestões para compor os espaços externos de modo que as crianças tenham contato com uma grande variedade de elementos, texturas, “composteira no chão, minhocários, materiais soltos, como baldes, potes, pás, rastelos, cestas, redes, tecidos, caixotes, giz, ferramentas reais de jardinagem e de construção, bolinhas, cordas, sementes, paus, troncos, folhas, conchas”. Sendo assim, esses elementos propiciam que as crianças deparem com um enriquecimento, não só de contato, mas também de interação e exploração com os materiais.

Dessa maneira, a meu ver, nas escolas as crianças deveriam ter o mínimo de brinquedos prontos, de plástico, pois além de fazerem parte de um contexto de consumismo desenfreado, não fazem as crianças irem além nas suas relações, descobertas e construções. Por essa razão, Castelli (2016, p. 182) aponta que “não permitindo uma necessária variedade quanto a aspectos como elasticidade e textura, interessantes de serem conhecidos e

manipulados pelas crianças”. Ou seja, os brinquedos de plástico são sempre dos mesmos formatos, e estes sim deveriam preocupar mais as pessoas, visto que eles podem quebrar com mais facilidade e, com isso, ocasionar mais acidentes, diferentemente dos materiais naturais, como folhas, pedras, tecidos, entre outros, que despertam a atenção e não apresentam estes riscos.

Corroborando o exposto, Tiriba (2010) argumenta que as crianças, são seduzidas por milhares de objetos e brinquedos que a mídia oferece, não necessitam deles, mas sim de relações afetivas. Assim sendo, o que elas mais precisam é experienciar o que a natureza tem para proporcionar através do toque, cheiros, brincadeiras. Diante dos vários elementos, Castelli (2016, p. 185) reflete que “areia permite ser moldada, gravetos podem compor esculturas, folhas podem ser picotadas ou pintadas, pedras podem provocar sons ao serem batidas ou cheiros ao serem esfregadas, terras podem colorir, sementes podem ornar”. Sendo assim, entendo que esses vários elementos e suas possibilidades de criações e explorações fazem com que as crianças se desafiem, e utilizem cada vez mais a imaginação para criar brincadeiras e brinquedos que estão dispostos pelos espaços.

Nessa direção, destaco que é possível propor ambientes nos espaços externos com qualidade e muita reflexão. Horn e Barbosa (2022) demonstram no seu livro *Abrindo as Portas da Escola Infantil: Viver e Aprender nos Espaços Externos*, no qual tem destacam o Município de Novo Hamburgo, que tem uma preocupação e trabalho muito engajado com as questões envolvendo a infância e natureza, ao pensarem na composição dos pátios. Tudo foi criado com muito diálogo, como, por exemplo:

- a) Árvores: sombra, frutíferas, perenes ou caducifólias;
- b) Posição do solar: local da horta; da caixa de areia; labirinto de plantas;
- c) Espaços: brincar barulhento e ativo; brincar calmo e pensativo (cantinho secreto); declives são aproveitados ou criados? Grama, chão batido.

Finalizando, julgo a necessidade de serem construídas ações pedagógicas que busquem trazer as crianças para o contato com a natureza, por meio de uma variedade de materiais, onde os espaços externos sejam utilizados como propostas para além de ir só para brincar na areia ou correr, que as cidades tenham parques, praças que sejam pensados para as crianças. Entretanto, corroboro com os argumentos de Barros (2018, p.76) quando enfatiza que “[...] nos pátios não é diferente. Predominam os brinquedos fixos, cada vez mais próximos do chão e com pouca diversidade. Raramente vemos um trepa-trepa ou gira-gira”. Então não cabe só trazer as crianças para os espaços externos, eles devem ser pensados para além do que está fixo, pois com a ampliação de recursos nos ambientes externos, aumentarão as possibilidades de imaginação, criação, aprendizado e movimentos.

3 A ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COMO METODOLOGIA DA PESQUISA

Neste capítulo tenho como objetivo de apresentar a trajetória metodológica que pautou a realização desta pesquisa. Neste sentido, explicarei o tema que desencadeou para este trabalho de conclusão de curso, e, assim, será possível explicitar qual o método escolhido, quais foram os critérios utilizados para a seleção dos participantes, e o tipo de

entrevista que será a norteadora desta investigação, pois é por meio dela que as análises serão feitas.

A entrevista, conforme Rosa e Arnoldi (2006), pode ser vista como uma técnica de geração de dados, de diálogos que são pré-estabelecidos com base em questionários, que irão gerar os dados da pesquisa. Corroborando o argumento, Szymanski (2018) diz que é por meio da entrevista que a interação com o outro e de si é formada, é possível entender seus questionamentos, sentimentos, compreensões da vida e quem entrevista tem informações e procura por outras. Diante disso, a entrevista necessita que tanto o entrevistador quanto o entrevistado estabeleçam uma relação, se apropriem do assunto, para conseguir estabelecer um diálogo que viabilize para a obtenção de resultados. Portanto, conforme Szymanski (2018, p.12) “a intencionalidade do pesquisador vai além da mera busca de informações, pretende criar uma situação de confiabilidade para que o entrevistado se abra”. Visto isso, antes de realizar as entrevistas, enquanto pesquisadores devemos construir um ambiente prazeroso, que faça o entrevistado se sentir bem, a partir de conversas que possibilitem o entrevistador compreender as respostas posteriormente. Nesse viés, Silva e Carvalho (2019, p.526), destacam que a entrevista estabelece um “lugar de autenticidade das vozes, de legitimidade do que é dito e de permanência do que é dito”, pois a partir do momento que se inicia a entrevista, tudo que ocorre naquele exato momento são mantidos como verdadeiros e tem a confiabilidade do entrevistador de manter em sigilo.

Em tal direção, a entrevista pode ser realizada de várias maneiras, a partir de questionários, com perguntas estabelecidas, por meio de perguntas semiestruturadas que servem para iniciar o diálogo, mas que ao longo do tempo são as interações com o entrevistado que tomará conta da conversa e a narração, onde não se tem um roteiro rígido para ser seguido, mas o que se estabelece é a relação do participante com o ocorrido. Portanto “a entrevista não se limita à coleta de dados, mas a uma gama de procedimentos complexos capazes de conduzir a resultados verídicos ou não” (ROSA; ARNOLDI, 2006, p.25). Ou seja, a entrevista leva em consideração todo o processo ocorrido, desde uma apresentação inicial até o momento final onde é possível falar de qualquer outro assunto. Acredito que o entrevistador tende a se entregar ao máximo para fazer boas perguntas que incitem a resposta verdadeiras, pois de acordo como andamento das questões, o que fica será a perspectiva do entrevistador. Por essas razões, Silva e Carvalho (2019, p. 521) destacam que:

[...] uma entrevista, partindo de questionamentos bem elaborados, possa tornar-se um momento privilegiado de reflexões sobre própria prática das/os professoras/es, no qual se pode também formular hipóteses e elaborar respostas, mesmo que temporárias a respeito das concepções teóricas em pauta.

Logo, a entrevista permite que não somente o pesquisador reflita sobre o que escreveu, mas o entrevistado a cada resposta dada, ou até mesmo a partir das perguntas, possa rememorar momentos, histórias, emoções que são disparados ao longo do diálogo.

Dentre as formas de se realizar uma entrevista, Rosa e Arnoldi (2006) destacam três: a estruturada, a semiestruturada e a livre, e elas são classificadas de acordo com o nível de

estruturação e roteiro de questões utilizadas. A entrevista estruturada consiste em questões formalmente elaboradas, que seguem uma padronização. Já na entrevista semiestruturada, as questões são mais flexíveis, permitindo que o sujeito tenha mais liberdade para demonstrar seus pensamentos, reflexões e verbalizar sobre o tema a ser visto. E por fim, na entrevista livre, não se tem um roteiro estabelecido. Os tipos de entrevistas são escolhidos de acordo com o objetivo da pesquisa que se almeja obter.

A fim de buscar compreender como um grupo de professores e coordenadoras da pré-escola que atuam em dois jardins de praças da cidade de Porto Alegre concebem a relação infância e natureza e a promovem em suas práticas cotidianas com crianças, entrevistei professoras por meio de questões semiestruturadas, que foi o fio condutor da conversa, pois de uma maneira mais aberta busquei conhecer as práticas e vivências escolares, e o que elas têm para contribuir com a pesquisa. Sendo assim, a entrevista utilizada foi a semiestruturada, pois busquei refletir sobre as informações geradas durante a entrevista. Por essa razão, corroboro com o argumento de Oliveira *et al* (2023, p. 221) quando destaca que “o entrevistador possui maior controle sobre o que se pretende saber, mas há espaço para reflexão espontânea do entrevistado sobre os assuntos abordados”. Assim, a partir de um roteiro estabelecido, o entrevistador vai direito ao ponto que se deseja pesquisar, sem se perder e deixar algumas questões importante de lado.

Em vista do exposto, Oliveira *et al* (2023, p.224), afirmam que “as entrevistas semiestruturadas se caracterizam por questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da investigação”. Isto é, os entrevistados devem ter relação com o que se busca analisar. Em tal perspectiva, Gerhardt e Silveira (2009, p.72) destacam que na entrevista semiestruturada “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, [...] que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal”. Ou seja, se estabelece uma troca de ideias entre o entrevistador e o entrevistado e este modo permite que o momento não se torne intimidador para ambos, mas sim um espaço de escuta atenta. Diante disso, Manzini (2004, p.2) complementa que [...] “esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas”. Visto que os relatos desenvolvidos ao longo da entrevista partem das experiências e vivências pessoais de cada indivíduo, esse método é o mais propício para ser realizado quando se almeja refletir questões que os livros e documentos não teriam certa precisão. Portanto, de acordo com as constatações de Silva e Carvalho (2019, p.529, *apud* Arfuch, 1995):

[...] o processo de realização de entrevistas sempre será dialógico, pois o mesmo não se finaliza após a gravação das narrativas do entrevistado, mas continua durante o processo de gravação, seleção dos excertos, realização das análises e produção do relatório de pesquisa.

Posto isso, a partir do momento que os indivíduos se disponibilizam para realizarem uma entrevista, principalmente a semiestruturada, que tem um viés mais livre, os dados

obtidos, como no exposto acima, possibilitam que outras pessoas vejam, e, a partir do que já está desenvolvido, façam outros estudos, portanto a entrevista pode se tornar infinita. Desse modo, na próxima seção, apresentarei quais foram os critérios de seleção das participantes da pesquisa.

3.1 OS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS (AS) PARTICIPANTES DA PESQUISA

As informações relevantes sobre o tema e objetivos da pesquisa são determinantes para a seleção dos entrevistados, conforme argumentam Rosa e Arnoldi (2006). Desta forma o entrevistado tem que estar a par de tudo que vai ocorrer, deverá saber quais são as etapas, sobre o que se pretende pesquisar, pois somente com a autorização do participante, por meio de um termo de compromisso, que a pesquisa é realizada.

Em tal direção, Rosa e Arnoldi (2006) defendem que o entrevistador e o entrevistado precisam ter um contato inicial fora do ambiente da entrevista para ser firmado entre ambos uma afinidade e confiança. Diante disso, o ideal é que esse contato inicial seja realizado por algum grupo ou associação social, ao invés de ir direto abordar o participante. Ao ser feito o contato com o participante, informações precisam ser passadas, por meio de uma linguagem clara e objetiva, sem termos técnicos, a fim de que o participante entenda no que estará envolvido e do que se trata a pesquisa. Como abordam Rosa e Arnoldi (2006, p.52) “devem ser sujeitos que possuem informações diretamente relacionadas com os objetivos da Entrevista”.

Tendo em vista que a minha pesquisa busca compreender como um grupo de professores e coordenadoras da pré-escola que atuam em três jardins de praças da cidade de Porto Alegre, como concebem a relação infância e natureza e a promovem em suas práticas cotidianas com crianças, os critérios estabelecidos foram:

- 1) Ser docente atuante na rede Municipal de Porto Alegre;
- 2) Atuar como professora e coordenadora na pré-escola de um jardim de praça da rede municipal.

Optei por esses dois critérios pois as escolas Municipais vivenciam uma realidade diferente das outras escolas, principalmente os Jardins de Praça, que vão fazer parte deste trabalho. Portanto, diante dos argumentos de Soares (2016, p.10) é possível refletir que:

[...] Os JP (Jardins de Praça) tinham espaços diferenciados das demais escolas da Rede, pois eram prédios históricos, pequenos, construídos entre a década de 20 e 40 para outros fins que não escolas, e se localizavam situados dentro de alguma praça pública da cidade, o que me fazia imaginar escolas que contemplassem espaços externos amplos, arborizados e com várias possibilidades, incluindo o espaço escolar e/ou a praça pública.

Diante do exposto, os Jardins de Praça, oferecem muito contato com a natureza para as crianças. Além disso por estarem em praças localizadas, em sua grande maioria, próximas da região central de Porto Alegre, os passeios pela Cidade podem ser realizados e as crianças aprendem a conviver com todos que estão no entorno da praça. Por acreditar nesta relação,

que escolhi fazer entrevistas com professoras e coordenadoras que atuam nesses espaços ricos de aprendizagens para além das salas.

Após os critérios de seleção estabelecidos, na próxima seção, será possível observar como foi formulada a pauta da entrevista.

3.2 A PAUTA DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

A entrevista inicialmente é desencadeada pela apresentação aos participantes de uma forma informal, para que o entrevistador e o entrevistado se conheçam. Nessa investigação foram entrevistadas professoras que atuam em escolas Municipais de Porto Alegre. Diante disso, Szymanski (2018) destaca que, se tratando de estudos com professoras, saber a formação, o tempo de atuação e seu percurso profissional são primordiais para a geração de dados iniciais da entrevista.

Conforme Rosa e Arnoldi (2006), o protocolo de entrevistas é um documento que contempla a descrição dos dados dos participantes da pesquisa. É nesse documento que se encontram as questões da entrevista. Ao serem elaboradas as questões, o entrevistador precisa se apropriar do tema proposto, a fim de gerar um roteiro que possibilite novos questionamentos ao longo da entrevista. A elaboração do roteiro, para Gerhardt e Silveira (2009), deve levar em consideração a distribuição de tempo para cada assunto, formulações de perguntas que evitem respostas com sim ou não e fazer com que o entrevistado não perca o foco do tema em questão. Logo, o entrevistador precisa adentrar ao tema do qual está pesquisando antes de marcar com o entrevistado; também é importante levar em consideração o número de questões, não fazer tão extenso para não cansar os indivíduos. O ideal é ter um tempo extenso para realizar as entrevistas, visto que conforme for desencadeado as respostas poderá surgir mais perguntas.

Diante disso, a presente entrevista foi realizada presencialmente nas escolas, pois dessa forma foi possível estabelecer uma relação com o entrevistado que possibilita mais trocas, pelo fato de que a entrevista não ocorre somente pela fala, mas também pelos gestos e olhares estabelecidos durante a conversa. O roteiro foi constituído por 16 perguntas, nas quais oito foram feitas para as professoras responderem e as outras oito foram dirigidas às coordenadoras das escolas. Assim, o roteiro serviu para nortear a entrevista ao longo do diálogo, tendo em vista que se tratava de uma entrevista semiestruturada que procurou se adentrar no percurso memorável, reflexivo e significativo dos participantes, visando obter respostas que contribuam para o estudo.

Como forma de registro dos dados, no decorrer da entrevista utilizei a gravação realizada pelo aparelho celular, que posteriormente foi transcrita. Atrelado a isso, Biasoli-Alves (1998 *apud* ROSA; ARNOLDI, 2006) enfatiza que a forma de registro deve ser previamente escolhida, tendo em vista que a validação dos resultados precisa ter organização na forma como estão sendo preparados.

Após a realização das gravações das entrevistas, os dados obtidos foram transcritos literalmente. Rosa e Arnoldi (2006, p.61) destacam que “nesse momento, todos os fatos são muito importantes. Nada deve sofrer exclusão”. Quanto mais elementos a gravação trouxer,

mais será possível estabelecer uma análise potente. Diante dessas colocações, julguei necessário manter todas as informações que foram relevantes para a análise.

Conforme será possível observar nas perguntas desenvolvidas, primeiramente busquei conhecer quem eram as professoras e coordenadoras, quais eram suas trajetórias de vida e docência, para em seguida partir para os pressupostos que as professoras vivenciam no ambiente escolar. Logo, pretendia compreender como as professoras concebiam a importância do contato com a natureza desde a infância e como eram estabelecidas essas relações. A seguir apresento a pauta da entrevista que possibilitou a realização deste estudo.

Quadro 1: Estrutura da entrevista com professoras de pré-escola

TEMÁTICA	QUESTÕES
Apresentação	1- Nome Fictício; 2- Idade; 3- Cidade; 4- Formação acadêmica; 5- Tempo de atuação docente; 6- Tempo de atuação na Educação Infantil
Concepção de natureza	1) O que você entende como sendo natureza?
Relação de infância e natureza	2) Na sua opinião, qual é a importância da relação entre criança e natureza?
Percepção da relação entre criança e natureza dentro e fora dos Jardins de praça	3) Como você percebe a relação entre criança e natureza no jardim de praça em que você atua, tendo em vista a localização da instituição, a área externa e a conexão com o espaço público da cidade?
Discussão sobre criança e natureza e o Projeto Político Pedagógico	4) A discussão sobre criança e natureza faz parte do Projeto Político Pedagógico da Escola? Em caso afirmativo, em quais dimensões o projeto da escola aborda a importância de promover tempos e espaços de convívio das crianças com a natureza?

Propostas desenvolvidas	5) Conte-me quais propostas você desenvolve com as crianças que privilegiam a relação delas com a natureza? Tal discussão faz parte do seu planejamento
Ponto de vista das questões relativas à criança e natureza na Escolas de Educação Infantil	6) Gostaria de lhe ouvir sobre o que você pensa a respeito dos modos como vêm sendo abordadas as questões relativas à criança e natureza na Escolas de Educação Infantil?
Concepção de desemparedamento e suas ações	7) Qual é o seu ponto de vista a respeito do “desemparedamento da infância” na Escola de Educação Infantil? Quais tem sido as suas ações enquanto professora?
Indicações das professoras entrevistadas para as colegas que estão iniciando a carreira profissional sobre o trabalho com criança e natureza.	8) O que você recomendaria, pautada na sua experiência pessoal e profissional como professora de pré-escola, para uma docente iniciante que gostaria de possibilitar com que as crianças tivessem mais contato com a natureza na Educação Infantil?

Fonte: Autoria própria.

Por conseguinte, será apresentado no quadro abaixo, a forma como a entrevista com as coordenadoras foi organizada, mediante temáticas e questões que culminaram para estabelecer o diálogo.

Quadro 2: Estrutura da entrevista com equipe gestora – coordenadoras

TEMÁTICA	QUESTÕES
Apresentação	1- Nome Fictício; 2- Idade; 3- Cidade; 4- Formação acadêmica; 5- Tempo de atuação docente;

	6- Tempo de atuação na Educação Infantil
Concepção de natureza	1) O que você entende como sendo natureza?
Relação de infância e natureza	2) Na sua opinião, qual é a importância da relação entre criança e natureza?
Percepção da relação entre criança e natureza dentro e fora dos Jardins de praça	3) Como você percebe a relação entre criança e natureza no jardim de praça em que você atua, tendo em vista a localização da instituição, a área externa e a conexão com o espaço público da cidade?
Discussão sobre criança e natureza e o Projeto Político Pedagógico	4) A discussão sobre criança e natureza faz parte do Projeto Político Pedagógico da Escola? Em caso afirmativo, em quais dimensões o projeto da escola aborda a importância de promover tempos e espaços de convívio das crianças com a natureza?
Propostas desenvolvidas	5) Conte-me quais propostas de formação docente, você enquanto coordenadora desenvolve com o seu grupo de professoras sobre as relações entre criança e natureza.
Ponto de vista das questões relativas à criança e natureza na Escolas de Educação Infantil	6) Gostaria de lhe ouvir sobre o que você pensa a respeito dos modos como vêm sendo abordadas as questões relativas à criança e natureza na Escolas de Educação Infantil?
Concepção de desemparedamento na infância	7) Qual é o seu ponto de vista a respeito do “desemparedamento da infância” na Escola de Educação Infantil? Quais têm sido as suas ações enquanto professora?

Indicações das professoras entrevistadas para as colegas que estão iniciando a carreira profissional sobre o trabalho com criança e natureza	8) O que você recomendaria, pautada na sua experiência pessoal e profissional como professora de pré-escola, para uma docente iniciante que gostaria de possibilitar com que as crianças tivessem mais contato com a natureza na Educação Infantil?
--	---

Fonte: Autoria própria.

Mediante o exposto, na próxima seção, apresentarei as professoras que participaram da entrevista.

3.3 AS PROFESSORAS E AS COORDENADORAS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nesta seção, a fim de conhecer um pouco da trajetória de vida e acadêmica das participantes, apresento as professoras e coordenadoras que aceitaram fazer parte desta pesquisa. Como forma de manter o sigilo e respeitá-las, cada integrante escolheu um nome fictício. Perante esses argumentos, Gerhardt e Silveira Doxsey e Riz (2002-2003, p. 44-45, apud (2009, p.68, *apud* GERHARDT E SILVEIRA, 2009, p. 68), argumentam que “[...] o pesquisador seleciona os sujeitos de acordo com o problema de pesquisa. No final das contas, você, pesquisador é quem determina a abrangência e especificação do seu estudo”. Sendo assim, os escolhidos para realizar as entrevistas devem ser escolhidos com cautela, não se pode deixar influenciar por amigos, família, pois as vezes eles até querem ajudar, mas não tem apropriação do que se almeja pesquisar. Contudo, tanto as coordenadoras quanto as professoras foram indicadas pelo meu orientador, que participam de formações continuadas com ele e trabalham em Jardins de Praça, que é o fio condutor de todo o estudo. A seguir, segue a apresentação das professoras:

Quadro 3: Apresentação das professoras participantes

NOME FICTÍCIO	IDADE	CIDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE ATUAÇÃO DOCENTE	TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
LUIZA	27 anos	Porto Alegre (RS)	Pedagogia	5 anos	5 anos
LUA	29 anos	Porto Alegre (RS)	Pedagogia e Mestranda	5 anos	9 anos
ANGELITTA	61 anos	Porto Alegre (RS)	Pedagogia, Pós-graduada e MBA	20 anos	15 anos
SUELEN	31 anos	Guaíba (RS)	Pedagogia e Pós-graduada	7 anos	7 anos

Fonte: Autoria própria.

Em seguida, consta a apresentação das coordenadoras.

Quadro 4: Apresentação das coordenadoras participantes

NOME FICTÍCIO	IDADE	CIDADE	FORMAÇÃO ACADÊMICA	TEMPO DE ATUAÇÃO DOCENTE	TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL
MARIA	57 anos	Porto Alegre (RS)	Pedagogia	27 anos	27 anos
GABRIELE	33 anos	Porto Alegre (RS)	Pedagogia e Mestrado	13 anos	13 anos
FLOR	38 anos	Porto Alegre (RS)	Pedagogia e Pós-graduada	13 anos	13 anos
MARIA	48 anos	Porto Alegre (RS)	Pedagogia e Pós-graduada	19 anos	19 anos

Fonte: Autoria própria.

3.4 A ANÁLISE DO CONTEÚDO DAS ENTREVISTAS

A análise de conteúdo proposta por Bardin (2016) consiste em uma técnica de análise de comunicações que busca a descrição do conteúdo das mensagens de uma forma sistêmica e objetiva, como forma de interpretar os resultados a partir de inferências. Por essas razões, optei por fazer uso da análise de conteúdo, conforme desenvolvido por Bardin.

A análise de conteúdo de acordo com Bardin (2016) é composta por três fases cronológicas, que são elas: 1) pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação. A partir disso, realizei a análise das falas dessas docentes através dessas fases.

Dessa forma, a fase de pré-análise é o momento destinado à organização e sistematização das ideias iniciais que necessitam de ações que servem de auxílio para a interpretação dos dados. Aliás, é nesta fase inicial que os materiais serão todos organizados. A leitura flutuante consiste no contato inicial com os documentos e as impressões e composições começam a ser moldadas, e com isso “pouco a pouco a leitura vai se tornando mais precisa” (BARDIN, 2016, p. 126). Este é o momento de se conhecer o texto e se apropriar. E a segunda fase, compreendida como a exploração dos materiais, busca um aprofundamento das questões relevantes para a análise, por isso é uma “fase longa e fastidiosa, consiste essencialmente de operações de codificação, decomposição ou enumeração em função de regras previamente formuladas” (BARDIN, 2016, p. 127).

Sendo assim, essa parte permite que a organização para a análise seja realizada, de modo criterioso, a partir do estudo de hipóteses e dos referenciais teóricos. Na terceira fase, intitulada como o tratamento dos resultados, inferência e interpretação, é possível estabelecer interpretações e deduções de acordo com os objetivos previstos, e algumas informações são destacadas a fim de fazer uma análise crítica e reflexiva.

Diante disso, a análise de conteúdo permite que se estabeleça uma leitura atenta e minuciosa dos dados obtidos na pesquisa. Por meio das entrevistas realizadas com as professoras e as coordenadoras, foi possível aplicar esse conteúdo dentro do meu estudo. Levando em conta as fases realizadas por Bardin (2016), segui os seguintes passos para a análise de dados da minha pesquisa: 1) Iniciei fazendo as entrevistas com as professoras e as coordenadoras, e após o término fiz a transcrição dos áudios; 2) depois realizei uma leitura flutuante das transcrições, como pré-análise; 3) a partir da leitura das entrevistas, comecei a perceber as recorrências a partir da exploração do material; 3) na última etapa, a partir da leitura analítica do material, defini as seguintes unidades de análise: a) concepção sobre natureza; b) concepção sobre a relação entre criança e natureza tendo em vista as especificidades do trabalho desenvolvido no Jardim de Praça; c) concepção sobre o desemparedamento da infância; d) recomendações para o desenvolvimento de um projeto educativo que considere as relações entre criança e natureza.

Mediante o exposto, na próxima seção apresentarei a questão ética que dita a realização das entrevistas.

3.5 A ÉTICA NA PESQUISA: UMA DISCUSSÃO NECESSÁRIA

A ética permite que os sujeitos, por meio de costumes, saibam se relacionar uns com os outros. De acordo com Santos (2017), a ética pode ser dividida em três níveis, que variam conforme a profundidade humana.

O primeiro nível, intitulado como o menos profundo, é o da ética de normas, está “baseado no cumprimento de regras ou obrigações estabelecidas no código de conduta que regulamenta a respectiva área de atuação institucional do sujeito seja civil (sociedade), profissional (empresa), domiciliar (condomínio) ou qualquer outra” (SANTOS, 2017, p. 250). De fato, são ações que os indivíduos precisam estabelecer em sociedade para conseguirem se relacionar de um modo que não fira ninguém. O segundo nível, a ética de princípios, que é “baseada na convicta adesão a princípios e valores na consciência” (SANTOS, 2017, p. 250). Desse modo, o sujeito tem a responsabilidade de discernir o que é certo ou errado para ele frente a tal situação. No terceiro nível, o mais radical, trata-se a ética de relação, é “inspirada na disposição a deixar-se afetar e responsabilizar-se por outrem, com suas necessidades, exigências e limites únicos” (SANTOS, 2017, p. 251). Sendo assim, a ética permite que as pessoas aprendam a conviver e respeitar uns aos outros.

Para tanto, ao realizar entrevistas com as professoras e coordenadoras participantes desta pesquisa os níveis de ética foram respeitados, a começar pelos seus dados que foram mantidos em sigilo, com a escolha de um nome fictício. Antes de iniciar a entrevista cada professora recebeu um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visto que a pesquisa só pode ocorrer com esse termo assinado e com todas as informações esclarecidas, assim como a transcrição que será realizada tal qual foi falado pelas entrevistadas. O anonimato permaneceu durante toda a entrevista, tanto do nome das professoras e coordenadoras, quanto das instituições que as docentes trabalham. Ao terminar a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso, irei compartilhar com as professoras e coordenadoras

entrevistadas o resultado da minha investigação, visto que elas contribuíram para o fechamento desta etapa.

A ética vai além do que está respaldado nos documentos, pois o contato, o percurso da entrevista estabelecido entrevistadora e entrevistadas com respeito será o grande promotor da pesquisa. Desse modo, “[...] se compreende o ato de conhecer como mais um modo de encontrar o real, com escuta, acolhimento e responsabilidade que se exige de todo encontro, mas igualmente levando em consideração as especificidades próprias de cada encontro” (SANTOS, 2017. p. 255). Posto isso, sem o outro a ética da pesquisa não acontece; o entrevistador necessita da vivência, relato do outro, assim como depois o entrevistado irá ver os resultados obtidos através de seus dados.

4 INFÂNCIA E NATUREZA: NARRATIVAS DE PROFESSORAS E COORDENADORAS DE PRÉ - ESCOLA

Neste capítulo, compartilharei a análise dos dados obtidos que foi efetivada por meio da transcrição de entrevistas realizadas com as professoras e coordenadoras de pré-escola, participantes da pesquisa. A partir das narrativas das participantes entrevistadas, tive a oportunidade de ouvir, vivenciar e desejo de estar em contato com essas profissionais que exercem e lutam por uma educação de qualidade para as crianças, por um contato com a natureza não só nos espaços externos da sala, mas pela cidade. Diante das falas tanto das coordenadoras quanto das professoras, como será possível observar, é nítida a preocupação e participação delas para que a natureza faça parte do currículo para além das salas e pátios, mas também no contexto da cidade.

Mediante o exposto, como forma de compreender os dados gerados o capítulo será organizado em quatro seções, que serão discutidas através da análise do conteúdo (Bardin, 2016) presente nas entrevistas. Na primeira seção, cujo título é: “As concepções das professoras e coordenadoras sobre natureza”, apresentarei o ponto de vista de cada participante sobre o que é natureza para elas. Na segunda seção nomeada como: “As concepções das professoras e coordenadoras sobre as relações entre criança e natureza tendo em vista as especificidades do trabalho desenvolvido no Jardim de Praça”, abordarei o entendimento que as participantes têm sobre a relação da infância e natureza e se nos espaços escolares que atuam, essa relação se faz presente. Já na terceira seção intitulada como: “As concepções das professoras e coordenadoras sobre o desemparedamento da infância”, apresentarei o que as entrevistadas compreendem sobre desemparedamento, quais ações são realizadas para evitar o emparedamento dos corpos, dos ambientes, das infâncias. Por último, na quarta seção, a qual denomino como: “As recomendações das professoras e coordenadoras para o desenvolvimento de um projeto educativo que considere as relações entre criança e natureza”, compartilharei o que as participantes realizam para possibilitar que as crianças tenham mais contato com a natureza na Educação Infantil.

Posto isso, na próxima seção realizo as análises das entrevistas com as professoras e coordenadoras de pré-escola, que visam aprofundar suas concepções de infâncias e natureza para além das escolas.

4.1 AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS E COORDENADORAS SOBRE NATUREZA

A natureza muitas vezes é reconhecida somente pelas flores, árvores e animais. No ambiente escolar está relacionada a reconhecer as partes dos vegetais, a desenhar uma árvore, aos projetos que são desenvolvidos por semanas, meses ou até mesmo o ano todo. Infelizmente as vivências com a natureza acabam sendo secundarizadas no contexto do currículo da Educação Infantil. Corroborando o argumento, Tiriba (2010, p. 10) reflete que “nas escolas, seguimos transmitindo às crianças uma visão do planeta como fonte inesgotável de onde os humanos podem extrair indefinidamente; e da natureza como simples matéria-prima morta para a produção de mercadorias”. Por essas razões, a natureza não é vista como propulsora de saúde, bem-estar, aprendizagens, brincadeiras, mas sim como geradora de riquezas, e dessa forma os prejuízos tanto nas escolas, como na vida das pessoas por não enxergarem ela como fazendo parte de todos os indivíduos torna-se visível no cotidiano. Por isso, concordo com os argumentos de Tiriba (2018, p. 59) quando menciona que, “a hipótese era de que as crianças são afastadas de um convívio mais íntimo com o mundo natural, porque, do ponto de vista da construção de conhecimento científico, esse convívio não interessa.” Portanto, o contato com o natural está relacionado ao não aprender a ficar perdendo tempo, mas é justamente o contrário: esse contato com os espaços ao ar livre proporcionam muitas aprendizagens para as crianças, principalmente quando esses ambientes são pensados com intencionalidade, pois não basta coloca-los no pátio, na praça sem ter pensado na materialidade, na disponibilidade de brinquedos diferentes dos de plásticos, nas propostas que podem ser realizadas para propiciar uma aprendizagem que desperte a criatividade, curiosidade e movimentação das crianças.

Diante desses questionamentos relacionados a natureza não ser reconhecida como um direito para as crianças estarem diariamente em contato, a primeira pergunta que realizei foi referente ao que as coordenadoras e professoras entendiam como sendo natureza. Em vista disso, as participantes responderam o seguinte:

Coordenadora - Maria

A natureza é o meio onde a gente vive, assim, **tudo o que nos rodeia**, tudo que é vivo. (Transcrição da entrevista – grifos meus)

A partir da resposta de Maria, é possível perceber que ela já se desvincula do entendimento de que a natureza é para ser usufruída, mas pelo contrário ela é reconhecida como sendo parte de tudo. Assim como enfatiza Tiriba (2010, p. 6), “[...]a natureza é a vida que se expressa em todos os seres, coisas e fenômenos”. Ou seja, o contato com a natureza, o escutar os sons dos pássaros, da água, andar na areia, as nuvens, tudo é natureza e deve ser mostrado para as crianças, com o propósito delas experienciarem diferentes sensações, texturas, olharem os espaços com outros olhos, ou até mesmo se sentar na grama e apreciar o espaço.

Posto isso, na seguinte narrativa é possível visualizar essa mesma visão de natureza, acrescentada de mais alguns aspectos.

Coordenadora – Gabriele

Então, a natureza é... acho que um ponto bem importante assim [...], é que a gente costuma se deslocar nós e a natureza, então **em um primeiro plano entendo que nós fizemos parte da natureza**, quando a gente fala para as crianças da natureza, **geralmente a gente está falando das plantas, dos bichos, e pouco a gente se relaciona enquanto corpo, enquanto parte disso** né e aí eu acho que isso constrói com as crianças uma relação de eu vou cuidar de algo que não me pertence assim de estranhamento de distanciamento. Então a natureza eu entendo como essa relação nossa com o que está em volta e aí o que está em volta desde a terra, desde o céu, desde os sons, o ar então tudo isso, estas relações de tudo que está em volta da gente que compõem a natureza. (Transcrição da entrevista – grifos meus)

A coordenadora Gabriele, apresenta uma colocação importante, de que a natureza é construída para as crianças como algo distante, que não está ao alcance de cuidar, mas que por outro viés percebe a natureza como sendo tudo o que está ao redor. Corroborando esse argumento, Lima (2020, p. 43) destaca que “ao se manter vinculada à Natureza [...] a criança tem maiores condições de se perceber, de se manter vinculada e presente em si e, assim, experimentar o sentimento de unidade com os demais seres”. Desse modo, a criança em contato com os espaços externos e tendo a oportunidade de se sentir natureza, cada vez mais que interage com este espaço, cria-se mecanismos para vivenciar mais os ambientes e cuidar deles. Entende que não são só os animais e as plantas que fazem parte do mundo natural.

A seguir, as coordenadoras Flor e Maria, a partir do questionamento sobre o que é a natureza, a compreendem como sendo tudo, e Maria ainda destaca, que na maioria das vezes as pessoas se colocam para fora desse pertencimento com o ambiente externo. Portanto, para que o cuidado e as ações com o próximo tornem-se mais criteriosas e respeitosas, é necessário que enquanto seres humanos reconheçamos que também somos constituintes da natureza.

Coordenadora - Flor

Natureza é este espaço verde é animais, um espaço que você está fora da sua casa, das paredes, **natureza somos nós né seres humanos**. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Coordenadora - Maria

Todos nós, inclusive o ser humano. A gente muitas vezes se coloca a par disso, fora, à margem disso, mas não, **nós também somos natureza**. Animais, plantas, todos somos natureza. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Professora - Luiza

Bom, **a natureza para mim é estar em contato com o verde, é um ambiente onde pode se acalmar**. Meu pai gostava muito de fazer trilhas também, era estar em contato não somente com o verde, mas a possibilidade também de se sujar e estar inteira ali, e eu gostava muito de brincar com lama, então natureza é lama, é barro, areia e grama; é tu poder tirar o seu calçado e ficar de pés descalço sentindo e relaxando e podendo se sentir parte desta natureza. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Mediante o exposto, a resposta da professora Luiza vem ao encontro com as colocações anteriores, de se sentir parte da natureza, mas também compartilha sua vivência de infância, que acredito que lhe trouxe muitas aprendizagens e memórias a partir do contato com a natureza que lhe foi possibilitado. Porém, só não vejo tais experimentações com a

natureza como “sujeira”, mas sim como marcas exploratórias, ricas de curiosidades e descobertas. Corroborando o argumento, Tiriba (2010, p. 7, *apud* Profice, 2010) relata que:

[...] as crianças apresentam uma tendência à aproximação e familiaridade com seus elementos, uma afeição pelas coisas vivas, denominada biofilia; à medida que são afastadas dos ambientes naturais, essa afeição pode não se desenvolver, gerando, ao contrário, sentimento de desapego e indiferença em relação ao mundo natural.

Assim, defendo que as crianças adquirem muitos benefícios estando em contato com ambientes externos, com os animais. Para essa afeição ser lapidada, elas necessitam percorrer por espaços que tenham uma ampla variedade de elementos da natureza, de texturas, cheiros, a fim de que cada vez mais se estabeleça uma familiaridade com os meios naturais. Perante essas constatações, referente aos benefícios que o contato com a natureza possibilita para as crianças, as próximas professoras relatam que a natureza é tudo que nos cerca, como pode ser acompanhado nas narrativas que serão compartilhadas a seguir:

Professora - Lua

Que difícil essa pergunta, **eu acho que é aquilo que nos cerca, que não parte da gente, que não é a gente que cria.** (Transcrição da entrevista – grifos meus)

Professora - Angelita

A natureza é tudo, é o ar que tu respiras começando por aí, é a água que tu tomas, se não tiver água potável, não tiver o ar limpo, tu não sobrevives, **a natureza é tudo o que te envolve.** (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Professora - Suelen

Sobre a natureza, todos os seres vivos, árvores, plantas e principalmente agora os insetos. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Através dessas narrativas, observo que tanto as coordenadoras quanto as professoras, reconhecem a natureza como tudo que nos cerca, e se preocupam em mostrar para as crianças esse pertencimento que vai além dos animais, das plantas. Ademais, é por meio dessas percepções que vejo a necessidade de nas escolas promoverem alinhamentos pedagógicos, ou seja, reuniões e formações para planejar propostas que se encaixem com o contexto escolar entre a equipe escolar e as famílias, para todos estarem inseridos e se mobilizarem para trazer à tona este pertencimento de natureza. Sendo assim, com o intuito de não ficar reproduzindo em folhas as partes das flores, as crianças, pelo contrário, precisam ir ao encontro de uma árvore, tocar, sentir as texturas, visualizar as cores, a fim de ampliarem seus aprendizados a partir de diferentes interações com os objetos e materiais. Pelas razões expostas, corroboro com as colocações de Louv (2016, p. 77) quando destaca que “as crianças precisam de natureza para um desenvolvimento saudável de seus sentidos e, portanto, para o aprendizado e a criatividade”. O contato com a natureza traz uma qualidade de vida melhor tanto para as crianças quanto para os adultos. Na aprendizagem é possível observar um despertar de curiosidades, interesses em aprender sobre algo novo, pois as crianças se deparam com as materialidades do ambiente e saem do espaço da sala que é sempre o mesmo.

Sendo assim, a partir do momento que as entrevistadas, reconhecem a natureza e sua importância para as crianças, acredito que se torna mais tranquilo estabelecer essas relações de contato com a natureza e os espaços externos, uma vez que para as crianças já fazem parte delas, pois a água, o barro, a terra, os gravetos as instigam a mexerem e descobrirem as diversas sensações. Portanto, a natureza para Lima (2020) é considerada um lugar privilegiado para a expressão lúdica e criativa, proporcionando um espaço onde o corpo pode se movimentar livremente, e dessa forma estar na natureza equivale vivenciar a liberdade. Sendo assim, o contato com os espaços externos e a natureza, para além das escolas, deve ser propiciado para as crianças, em praças, parques, nos pátios das escolas, de modo que elas tenham tempo para vivenciar com qualidade estes ambientes.

Logo, na próxima seção, abordarei a segunda questão, referente às concepções das coordenadoras e professoras, sobre as relações entre crianças e natureza.

4.2 AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS E COORDENADORAS SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇA E NATUREZA TENDO EM VISTA AS ESPECIFICIDADES DO TRABALHO DESENVOLVIDO NO JARDIM DE PRAÇA

A relação das crianças com a natureza, presente nas narrativas das coordenadoras e professoras, foi defendida como sendo fundamental por todas as participantes para o desenvolvimento das crianças, ainda mais por essas escolas estarem em um lugar privilegiado, que é dentro de uma Praça. Assim, o espaço ao ar livre perpassa a maior parte do tempo vivenciado pelas crianças, que frequentam os jardins de praça que tive a oportunidade de conhecer, conforme poderá ser observado na narrativa compartilhada a seguir:

Coordenadora - Maria

Eu acho que o jardim de praça é um lugar privilegiado onde realmente as crianças têm contato com a natureza e as crianças. Aqui da escola as crianças têm o pátio da escola como um grande laboratório assim, de aprendizagens, laboratório de experimentação, onde eles **observam as miudezas**, assim né e se encantam com uma formiguinha, com uma folhinha diferente, ah com uma terra que se mistura, com barro. **Aqui na escola eles manipulam areia, barro, o ano inteiro**, claro que no inverno com um pouquinho mais de contato, mas eles plantam eles colhem, eles veem as plantas se desenvolverem na nossa horta; então eu acho que é uma relação muito estreita assim, e uma coisa muito faz parte da outra e a gente percebe claramente assim, a diferença das crianças quando eles ficam uma semana inteira com chuva onde eles não conseguem sair né, mas mesmo assim dentro da escola a gente tem plantas e coisas que eles continuam observando seu desenvolvimento. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

A partir da narrativa da coordenadora Maria, nota-se o reconhecimento da importância de estabelecer a relação entre crianças e natureza e principalmente quando ela menciona o pátio como um grande laboratório, que será por meio desses contatos que as crianças vão ampliando seus conhecimentos. A esse respeito, Castelli (2019, p. 221) enfatiza que “a natureza é bastante potente ao provocar os diferentes sentidos humanos: muitos estímulos táteis (a textura das diferentes folhas e superfícies, a consistência da areia, o frescor da água)”. Assim, esse contato com a natureza e os ambientes externos possibilita

com que as crianças realmente experimentem os objetos, criem hipóteses, compreendem o ciclo das plantas; desta forma, a espera, o cuidado, o tempo de crescimento vão sendo observados na medida em que a interação e frequência com o manuseio da horta é realizado.

Corroborando com as colocações de Maria, a coordenadora Gabriele compartilha questões fundamentais para refletir sobre a relação das crianças e natureza, afirmando que esse convívio deve ser diário e não esporádico e que todos os espaços da escola devem ser ocupados. Tiriba (2018, p.105) argumenta que “[...] o mundo ao ar livre não é identificado como espaço de intervenção pedagógica. As atividades ao ar livre são reconhecidas como importantes, mas no cotidiano elas não têm prioridade”. Mas é o contrário, quanto mais as crianças tiverem em ambientes externos muito mais aprendizagens serão construídas, e isso é possível observar nas narrativas da coordenadora Gabriele que serão apresentadas a seguir:

[...] Então eu acho que inicialmente seria isso **a natureza fazer parte do cotidiano dela**, então não dá para ser um projeto, não dá para ser algo que ela vai ver em um livro e numa tela de uma semana, duas e isso vai estar trabalhado, **então tem que fazer parte do dia a dia do cotidiano, dos espaços onde ela brinca, lancha, aprende e houve uma história**. Para que ela possa então estabelecer essas relações de convívio mesmo, de pertencimento, de cuidado de acompanhamento, **não dá para ser periódico e esporádico né, assim descontextualizado, a relação das crianças com a natureza tem que ser contextualizada**. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

[...] **É uma escola que proporciona uma variedade de elementos naturais que as crianças podem ter esse contato e para além disso é uma escola que na sua proposta estimula e incentiva essa interação e essa exploração. A gente constrói com as crianças e com as famílias uma relação de que a natureza não é algo sujo e perigoso**, então isso é uma desconstrução bem importante que o docente tem que ter e que a gente precisa falar com as famílias. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

A reunião lá de início de ano, [...] a gente faz com as família, [...] aqui para nós a natureza não é suja e nem perigosa, **então sim eles vão subir nas árvores, sim eles vão se pendurar**, de vez em quando pode ser que eles ralem o joelho de vez em quando até eles aprenderem a se relacionar com este entorno, com estes desafios e sim eles vão se sujar de terra, de areia, de barro, e a gente mostra para as famílias o como isso é importante e quanto isso é aprendido. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

A gente tem um espaço que é privilegiado, mas também uma proposta pedagógica que incentiva isso, [...] a natureza tem a ver com as coisas que são imprevisíveis, né às vezes a gente plantou, cuidou, mas mesmo assim morreu, às vezes a formiga veio aqui e atacou e as crianças precisam construir essas relações, então não vai ser na semente de feijão plantada no algodão que eles vão construir isso, inclusive a frustração de ver que a natureza morre. (Transcrição de entrevista – grifos meus)

A partir das narrativas compartilhadas, é possível perceber que as crianças nos contextos das escolas dessas coordenadoras e professoras devem passar muito mais tempo nos espaços externos da escola. Sendo assim, o que dificulta a interação das crianças com esses ambientes é a organização prévia e a mobilização dos adultos em se deslocarem para articular possibilidades de interações com os materiais e brinquedos.

Atrelado a essas questões, Guerra (2023) aponta que cada área de ensino possui características que oferecem oportunidades de aprendizado para as crianças, contanto que os adultos se engajem para tornar essas áreas como significantes. Sendo assim, acredito que as aprendizagens devem ser construídas, de modo que as crianças se sintam pertencentes ao espaço da sala, que participem ativamente das propostas e para isso ocorrer os adultos precisam pensar nas crianças que constituem a turma e em seus desejos e interesses. Portanto, os ambientes externos precisam ser vistos como potentes, assim como as aprendizagens construídas em sala de aula e pensados para as crianças usufruírem com segurança e liberdade, a fim promover o despertar da criatividade e imaginação. A coordenadora Gabriele, enfatiza a participação das famílias quando o assunto é natureza, afirmando que deve haver uma desconstrução pelo fato de que a natureza é vista como perigosa, suja, que não agrega conhecimentos. Desse modo, entendo que o diálogo entre as escolas os familiares não podem faltar, pois as crianças não podem ser privadas de estabelecer relações com a natureza e os espaços externos.

Em tal direção, concordo com Zanon (2018, p. 20) quando afirma que “as vivências com a natureza proporcionam aprendizado pela experiência, que é diferente do aprendizado pelos livros em sala de aula”. Posto isso, percebo que através da natureza as aprendizagens tornam-se mais vivenciadas pelas crianças, uma vez que acessam materialidades que elas possam pegar, tocar, cheirar, diferentemente do uso do livro, que, na maioria das vezes, ao invés de ser um apoio, transforma-se no único recurso de aprendizagem. Diante disso, as crianças necessitam ter ainda mais contato ao ar livre, tendo em vista que se a escola não proporcionar essas vivências, talvez elas não tenham a oportunidade de desfrutar desses ambientes.

A natureza, como até o momento foi possível observar tem uma grande importância para as coordenadoras e professoras entrevistadas. Através dos argumentos já apresentados, noto que realmente elas buscam construir uma relação contínua entre as crianças e os espaços externos, pois diariamente é proporcionado um contato diverso, a partir da permanência mínima nas salas e pelas escolhas de materiais não estruturados. Em tal direção, Lima (2020 p. 32) afirma que “para as crianças o convívio com a natureza é uma condição essencial para o seu desenvolvimento e aprendizagem, para sua alegria, bem-estar e para sua saúde”. Assim, percebo que o convívio com os ambientes externos precisa estar atrelado com as propostas de sala de aula, para que as crianças estabeleçam relações e descobertas de acordo com o que estão aprendendo. Desse modo, as crianças se constituem como pertencentes a esse meio, pois conseguem visualizar, sentir e explorar um ambiente rico de aprendizagens, de brincadeiras, onde não se tem tudo pronto, tudo parte do que eles estão sentindo, vendo, desejando, pois a natureza é movimento, não fica sempre do mesmo jeito.

Ampliando as discussões, experienciar o corpo, suas sensações, como é notável observar nas narrativas de Flor, também é uma questão que acaba sendo secundarizada nas escolas.

Em tal perspectiva, Tiriba (2018, p.59) afirma que “o corpo - o que identifica o ser humano com a natureza - seria também desprezado [...], nas escolas, ele continuaria emparedado, quieto, colocado a serviço da mente”. Mediante esses argumentos, percebo que o desenvolvimento do corpo acaba sendo desvalorizado e o enfoque maior das aprendizagens volta-se para a mente, a partir de abordagens teóricas e cognitivas. Sendo assim, ao se ter um foco na aprendizagem a serviço da mente, o corpo acaba perdendo espaço, e as crianças infelizmente ficam sempre sentadas, da mesma maneira e realizando os mesmos movimentos.

Coordenadora - Flor

Ela é fundamental, então assim, **quanto mais a criança está dentro e neste espaço da natureza mais a criança consegue ter liberdade de criar, explorar, vivenciar, experienciar o corpo**, ela vai se sentir pertencente ela vai cuidar deste espaço no futuro. A gente precisa retomar esses espaços naturais né, de vivências para as crianças para que elas comecem a ter cuidado com elas, aprendam com ela. [...]. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Diante dos argumentos de Flor, destaco a questão de as crianças poderem levar os elementos da natureza para a sala, pois em muitas vezes ocorre a proibição de adentrar com esses materiais, e desse modo, perde-se todo encantamento que foi criado, por meio de um graveto, ou uma pedra, que para a criança era uma varinha, um avião. Sendo assim, Horn e Barbosa (2022) refletem que as aprendizagens na primeira infância são processos que possibilitam as crianças a fazer observações, perguntas, imitar e investigar perante o que enxergam. Por exemplo, um graveto pode virar muitas coisas, tudo isso vai depender dos repertórios que são disponibilizados para que elas se engajem em inventariar. Desse modo as crianças não podem ser privadas de vivenciar o contato com a natureza, que amplia a visão de mundo, de respeito com o próximo, além de oportunizar que percebam-se, quando estão na natureza.

A partir das narrativas da coordenadora Maria e da professora Luiza, é possível perceber as perdas que as pessoas tiveram quando deixaram a natureza de lado. Por outro lado, desde o momento que a conexão com a natureza for estabelecida a partir da ocupação dos espaços externos, não deverá ser mais abandonada, uma vez que a tecnologia disputa a atenção das crianças. Nessa mesma direção, Louv (2016, p. 53) argumenta que “inúmeros estudos mostram uma redução do tempo de lazer nas famílias modernas, mais tempo diante da televisão e do computador, além do aumento da obesidade entre adultos e crianças [...]”. Essa é uma realidade frequente que vem em decorrência da dupla jornada de trabalho de muitas famílias, que nas horas livres são obrigados a descansar, e devido à falta de segurança da cidade, não se preocupam em levar as crianças para criar um vínculo com a natureza. A partir do exposto, compartilho as narrativas de Maria e Flor:

Coordenadora - Maria

A importância dessa relação é máxima, nós, em algum momento, **fomos desconectados dela, até por não se achar parte dessa natureza e só saímos perdendo**, então, acho que **resgatar esse contato, essa conexão é**

primordial para o desenvolvimento das crianças. [...]. Então, a gente só tem a ganhar nesse espaço.

[...] **No pátio, na praça, eles podem extravasar e ser realmente crianças e vão se desenvolver,** vão usufruir do currículo que é da educação infantil, então, acredito que eles são bem privilegiados. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Professora - Luiza

[...] **É muito importante, pois ela pode se libertar, pode aprender com a natureza, pode aprender sobre equilíbrio, porque a natureza te desafia** né, então é muito importante esse contato desde cedo. [...] a gente enquanto jardim de praça e a natureza como tendo os elementos terra, água, ar, fogo. **A gente utiliza muito desses elementos no nosso dia a dia especialmente a água.** Então eu acredito que é a **árvore, areia e o elemento água que mais estreitaram essa relação da criança com a natureza.** (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Diante dessas narrativas, é possível perceber que a coordenadora Maria e a professora Luiza percebem a importância das crianças estabelecerem uma relação com a natureza, através do envolvimento em propostas ao ar livre, podendo tocar, descobrir e experienciar os ambientes.

As narrativas das próximas três professoras evidenciam a alegria que ressoa nestes ambientes e o privilégio de possibilitar às crianças vivências grandiosas, além disso, o contato com os espaços externos faz parte do cotidiano da escola. A cidade e as salas são minimamente ocupadas, pois tanto as professoras quanto as coordenadoras acreditam que o lado de fora desperta a atenção e a curiosidade, para novas descobertas, mas para isso ocorrer deverá existir uma intencionalidade na organização dos espaços. Portanto, ao observar as potencialidades da ocupação dos espaços ao ar livre, Lima (2020, p. 44) destaca que “as brincadeiras e jogos em áreas verdes ampliam as possibilidades das experiências coletivas, do prazer e da alegria”. Sendo assim, as crianças quando estão na natureza criam uma relação mútua com seus pares e o ambiente. Por estarem em um espaço livre, amplo, repleto de materiais não estruturados, acabam preservando os espaços e os ambientes, pois elas se reconhecem como sendo natureza e para isso ocorrer o corpo escolar precisa promover estas vivências, conforme fica evidenciado nas falas a seguir:

Professora - Lua

[...] o contato delas com a natureza, ah acho que até vendo a alegria que isso traz para elas, sabe só a partir dessa alegria já daria para ver a importância, mas em tudo assim, desenvolvimento motor, ah, desenvolvimento social. Acho que **ela passa e perpassa por todo, desenvolvimento integral das crianças é imprescindível.** [...] eu tento ao máximo deixá-los na rua, então na sala a gente faz pouquíssimas coisa na realidade sabe [...] aqui a gente consegue usar a praça da frente quase sempre, tem a cancha de areia, então eu uso a cancha de areia bastante também quando o tempo permite, então eu acho que a gente tem um espaço bem privilegiado para isso. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Professora - Angelita

Nossa escola está em um ambiente extremamente privilegiado, cercado de árvores, praças, passarinhos que eu amo né, borboletas aparecem, lagartas aparecem, então assim **é um lugar rico em relação a questão da natureza** [...]. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

[...] **elas se envolvem muito com essa questão da natureza** e isso é muito bom, porque a gente sente o amor da criança pela natureza, não tem esse

espírito consumista, essa questão de materialização da ganância humana, não, ela é um ser ingênuo, **um ser dócil, um ser que vive a natureza, ela é a própria natureza**[...]. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Professora - Suelen

Toda. Importância total, porque **onde a criança perde seus medos e tem um pouco mais de conhecimento e respeito**. [...] eu vejo as crianças além da curiosidade, tendo o prazer de cuidar de conhecer, de saber de onde vem, como se forma, tendo aquele respeito, eu vejo um amor tão simbólico por um inseto muitas vezes né, por um objeto, assim que para nós adultos não tem tanto significado ou importância e para eles tudo é válido né tem um carinho. [...]. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Diante das narrativas compartilhadas, observo que tanto as coordenadoras quanto as professoras enxergam a relação da infância e natureza como sendo essenciais para a construção das aprendizagens das crianças e seu desenvolvimento, e nas suas práticas as vivências com os espaços externos são recorrentes no dia a dia das crianças. O fato de as escolas serem Jardins de Praça contribui ainda mais para a relação das crianças com a natureza. Desse modo, família e escola precisam compreender os benefícios do contato com diferentes espaços e colocar em prática. Como foi visto, as entrevistadas estão dispostas e percebem a importância de promover o uso dos ambientes ao ar livre para as crianças.

Desse modo, não basta as crianças estarem em um espaço que promova as interações com a natureza se não acontecerem propostas com intencionalidades. Não adianta ter um pátio grande que não contenha brinquedos, materiais e elementos da natureza que instiguem a criação, a exploração e a descoberta de brincadeiras. Mediante esses argumentos, Lima (2020, p.63) afirma que, “se os ambientes que desconsideram as necessidades da própria criança restringem o desenvolvimento da sua identidade, retirar a criança dos espaços naturais significa infringir umas das suas necessidades básicas”. Destaco que ao retirar as crianças dos espaços externos, rompe-se com a necessidade intrínseca das crianças, que é um direito que elas têm para ser assegurado por todos.

Contudo, por meio das narrativas das entrevistadas foi possível observar nas falas delas o reconhecimento da importância da natureza e dos ambientes externos para desenvolver uma educação democrática em que as crianças sejam vistas como sujeitos que fazem parte daquele espaço e por isso, devem construí-lo juntos.

Sendo assim, defendo que a relação da infância e natureza deve ser ampliada na Educação Infantil, a partir da escolha de materiais que contém mais objetos não estruturados, como utensílios de cozinha, ferramentas; que as crianças possam plantar, brincar com o barro, água. Para isso ocorrer os docentes e coordenação necessitam trabalhar juntos para promover esse contato das crianças com a natureza. Considero ainda, relevante a ocupação dos espaços ao entorno da escola. A cidade também pode ser ocupada de modo que as crianças construam repertórios, com a ampliação do tempo de permanência nesses espaços dando mais possibilidade para as crianças interagirem e realmente vivenciarem o ambiente.

Portanto, na próxima seção, trago o que as coordenadoras e as professoras compreendem sobre o desemparedamento da infância.

4.3 AS CONCEPÇÕES DAS PROFESSORAS E COORDENADORAS SOBRE O DESEMPAREDAMENTO DA INFÂNCIA

As crianças vêm diminuindo o contato com a natureza, fato que é possível notar por meio das narrativas das entrevistadas. Desse modo, com o propósito de chamar atenção da população sobre a diminuição dessa interação, Tiriba (2018, p. 17) cunhou o conceito de emparedar que nas palavras da própria autora serve "para designar a ação de manter as crianças entre paredes nos muitos espaços além das salas de atividades das Instituições de Educação Infantil". Mediante o exposto, esse termo foi criado por Tiriba (2018) a fim de fazer com que a sociedade e, principalmente, as escolas revejam suas propostas para que as crianças permaneçam mais tempo em contato com a natureza. Como forma de romper com o emparedamento, Tiriba (2018) propõe o "desemparedamento" que visa promover com que as crianças possam interagir a maior parte do tempo fora de ambientes fechados, e, assim, vivenciar os espaços ao ar livre com mais frequência. Em tal direção, os materiais e os brinquedos oferecidos nas áreas externas devem ser pensados com intencionalidade, de modo que as crianças possam experienciar, criar, descobrir modos de brincar e que os espaços externos sejam vistos como um depósito ou momento de descanso dos adultos. Mas, pelo contrário, torna-se um espaço de aprendizagens, sob o olhar atento dos adultos para as criações e falas das crianças.

Dando prosseguimento as análises compartilho nessa seção as narrativas das docentes e coordenadoras sobre o que seria o desemparedamento para elas. Dentre suas concepções, observo que das sete entrevistadas, seis delas destacam que nas suas vivências com as crianças são oportunizadas na maior parte do tempo o convívio diário com as áreas externas experienciando os ambientes do lado de fora das salas. Na contramão dessa perspectiva, Lima (2020, p. 46) afirma que "na educação infantil controlam-se os corpos mantendo as crianças sentadas a maior parte do tempo em espaços fechados, sem a visão do entorno, sob o olhar fiscalizador do educador." Ou seja, as crianças ficam emparedadas, só em contato com o cimento, em ambientes fechados, seus tempos e desejos não são respeitados. Porém nas instituições em que atuam as coordenadoras e as professoras participantes da pesquisa, percebo que elas se preocupam com a relação das crianças com os espaços externos, não só do ambiente escolar, mas também da cidade. Portanto, será possível observar as narrativas de Maria e Gabriele que, do meu ponto de vista, destacam que para as crianças estarem inseridas com o pátio não precisa ter um momento certo, elas podem frequentar a todo momento, fato que julgo ser de extrema importância, pois, em muitas escolas, o uso do pátio acaba sendo escasso, como compartilhado a seguir:

Coordenadora - Maria

[...] Bom, a gente já assistiu alguns documentários, **a gente lê bastante sobre isso**; neste ano não tivemos um alinhamento voltado para isso, a gente já fez alinhamentos onde a gente recebeu outros educadores.

[...] A gente orienta as "profs", as estagiárias e todo mundo que vem aqui na escola que **o desemparedamento não é um momento da rotina**, não é um momento da jornada tipo agora é o momento do pátio e agora que eles vão se desemparedar, não. **A gente faz muitas propostas com elementos da**

natureza, com folhas, galhos, com sementes observando a germinação, até transportar a plantinha a mudinha para a horta ou para o pátio e tudo, a gente diz isso a relação sempre com o pátio e não tem um momento para isso. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Coordenadora - Gabriele

[...] Quando a gente organiza a rotina, toda a equipe está alinhada em entender a importância de estarmos no pátio, então **não tem hora de pátio exato determinado eles podem ficar aqui na rua o dia inteiro. Eles podem ouvir histórias aqui, fazer roda, desenhar e podem tudo que faz parte dentro do planejamento.** (Transcrição de entrevista – grifos meus).

[...] Uma das coisas que eu tento pensar muito nessa relação é com o espaço público né, então a gente está numa praça pública **a gente conversa bastante com as crianças sobre esta praça**, [...]; a gente tenta fazer mobilizações com as crianças de entender, olhar para este espaço público também com este olhar de cuidado. [...] As crianças vão para o saguão, as crianças vão no pátio, as crianças vão na minha sala, também tem essa **ideia de uma escola que é desemparedada e todos os sentidos** porque a gente se comunica, a gente circula, as crianças das duas turmas, eles circulam entre as salas, a gente tenta planejar espaços que favoreçam essa circulação, essa comunicação, esse deslocamento. **Tudo isso tem a ver com pertencer a escola, a um espaço, a uma cidade, e a uma equipe.** (Transcrição de entrevista – grifos meus).

A partir das narrativas de Maria e Gabriele, outro aspecto que destaco dessas narrativas é a questão das professoras e coordenadoras irem em busca de estudos sobre a natureza. Observo que elas buscam compreender e colocar em prática pensando na realidade de cada instituição. Desse modo, as escolas de Educação Infantil precisam refletir sobre os espaços tanto internos quanto externos que são oferecidos às crianças, e de que forma esses espaços são pensados e qual a intencionalidade para a aprendizagem delas. Como forma de estabelecer uma organização dos ambientes, Soares (2016, p. 25) defende uma organização do ambiente externo “[...] de forma a estabelecer relações de aprendizagens entre as crianças e os adultos, é ir além de perceber o pátio e praça como apenas uma área recreativa, e sim como um significativo espaço de descobertas”. Ou seja, isso implica em dar sentido ao pátio, que ele se torne um espaço de aprendizagens, e para isso ocorrer, os brinquedos, os materiais que devem estar disponibilizados para as crianças têm que ser selecionados com critérios por parte das professoras, com o propósito de proporcionar as brincadeiras, descobertas, criações e aprendizagens das crianças. O pátio não deve ser encarado apenas como um momento de liberdade para as crianças, onde os docentes não precisam propor interações, mas também pelo contrário, deve ser concebido como um ambiente propício de aprendizagens enriquecedoras, a partir da oferta de uma diversidade de materiais que devem ficar à disposição das crianças.

Seguindo com a discussão, compartilho as narrativas de duas coordenadoras e uma professora que também defendem a necessidade das crianças estarem em contato com os ambientes externos durante todo o dia, e até mesmo nas refeições, é viável realizar essas ações e fazem uma diferença para o desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, apresento a seguir as narrativas das coordenadoras Flor e Maria e da professora Luiza:

Coordenadora – Flor

[...] **Estar na natureza, criança e natureza é diariamente**, então todas as propostas que as professoras realizam dentro da sala, a gente sempre comenta, sempre questionam essa possibilidade de fazer na rua. [...] Na sala nós temos elementos da natureza, mas a gente acredita que em todos os momentos, em todos os tempos. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

[...] **Desemparedamento então, em todos os sentidos** né, ah, o meu grupo, o nosso grupo aqui de professoras, elas fazem estes movimentos, né, de sair da sala não só nos muros da escola, mas também no entorno; passeios, a gente faz vários passeios ao jardim botânico, a gente vai todos os anos. [...] a **gente desempareda em todos os momentos inclusive**; O grupo também acredita muito nisso né, a equipe dos professores, eles têm muito já, essas vivências, eles já entendem e compreendem o quanto é importante desemparedar. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Coordenadora - Maria

[...] é que eles fiquem o máximo possível no pátio, né, para todo tipo de proposta. A gente tem um agravante que é os dias de chuva e muito frio, que a gente não tem um espaço coberto fora, temos só um pergolado, que é bem restrito, mas a **gente tenta fazer tudo na rua, quando o tempo tá bom**. Mesmo que esteja mais frio, mas que dê pra suportar, né, que as crianças não estejam tão em processos inflamatórios, respiratórios, **a gente faz tudo na rua, lanche, as propostas, a acolhida, a despedida, tudo a gente tenta fazer na rua**. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

[...] **Essa relação com a natureza, as crianças são potentes nesse espaço**, muito mais do que dentro de uma sala, emparedadas, e até porque **muitas vezes as crianças não têm essa possibilidade, se não for na escola**. Moram em apartamentos pequenos, as nossas crianças, principalmente, a maioria é filho de apartamento, minúsculo e tal, e daí se a gente não proporciona isso, muitas vezes nem os pais levam para uma pracinha no final de semana, então **é nosso papel estar providenciando isso para as crianças**. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Professora- Luiza

[...] A gente lá buscava **fazer a maioria das propostas ao ar livre** sendo uma escola de turno parcial, as crianças ficam no máximo 4 horas né, muitas apenas 3. Daí a gente buscava sempre iniciar a acolhida com as crianças, mas em seguida as propostas ao ar livre, as vezes **até a roda inicial já no ar livre** e não somente fazer estas propostas, mas criar elementos da natureza com as crianças né para elas terem este contato, também de utilizarem estes elementos nas propostas que a gente fosse fazer com as crianças. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Considerando as colocações das entrevistadas, destaco a fala da coordenadora Maria, que aponta as relações das crianças potentes nos ambientes externos, bem mais do que fechadas nas salas. Além disso, se na escola não for propiciado esses contatos, fora não vai ocorrer, pois a maioria das crianças moram em apartamentos, e geralmente nos finais de semana acabam ficando trancadas, em frente às telas, ou ainda por não estarem perto de praça ou até mesmo porque os familiares preferem frequentar os shoppings que são fechados e tem mais segurança. Dessa forma, as crianças têm que conviver ao máximo com os ambientes externos tanto da escola como da cidade, pois, só assim elas, além de se sentirem pertencentes às vivências do dia a dia das instituições, estarão engajadas em cuidar do ambiente no qual estão inseridas. Corroborando com os argumentos, Barros (2018, p.64) afirma, “[...] a organização, a composição e o uso dos espaços da escola deixam de ser processos estanques, com começo, meio e fim, para se tornarem processos vivos, que refletem a trajetória, o momento de vida e a diversidade da comunidade escolar que o habita”. Diante desse argumento, as narrativas das coordenadoras e professora, corroboram com

essas colocações, pois esses espaços para serem descobertos pelas crianças, segundo as narrativas das entrevistadas precisam ser vivenciados diariamente e com continuidade de propostas que devem possibilitar que a brincadeira que foi construída, permaneça ali.

Ademais, se faz necessário romper com a concepção de que a natureza é suja e perigosa, e para isso ocorrer deverá haver trocas entre as famílias e escolas. Com o propósito de aprimorar cada vez mais a relação das crianças e natureza e desemparedar ainda mais os espaços escolares, uma vez que esse contato, além de trazer benefícios para o bem-estar e desenvolvimento, agregam conhecimentos que vão além dos ensinamentos dos livros, pois as crianças vivenciam as aprendizagens através de suas ações.

Perante as colocações da professora Lua é notável observar que, por mais que a escola não tenha um espaço externo amplo, se for pensado com intenção, pautada na realidade que se encontram aquelas crianças, já representam avanço no contato com a natureza que não será negado. Desse modo, às crianças com a supervisão de um adulto podem testar seus medos, se desafiar a subir em árvores, escalar, como enfatiza a professora a seguir:

Professora - Lua

[...] Eu acho imprescindível assim... eu acho que dá para ver quando as crianças vêm para a gente, dá para ver que **elas precisam estar na rua** porque apesar de as nossas salas serem grandes. [...], eles precisam de espaço, assim, tipo, eles chegam aqui e já entram correndo no portão, então **eles precisam ter mais espaço para fazer isso**, por exemplo não tem espaço na sala para escalar sabe, eles precisam escalar, na real, eles até tentam escalar na sala, mas é mais perigoso, vão estragar mais coisa, então eles precisam desse espaço, realmente isso para ti fazer, é estando na rua. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Desemparedar também é refletir sobre a materialidade dos brinquedos, dos elementos que estão em contato com as crianças, é permitir a relação com utensílios de cozinha, ferramentas, flores, galhos, água; é diminuir o uso de brinquedos de plásticos, estruturados e possibilitar que elas possam desenvolver a criatividade, usar a imaginação para construir seus brinquedos e brincadeiras. As professoras proporcionam um desemparedar em todos os espaços das escolas, pois elas acreditam que estar em contato com a natureza, além de trazer benefícios para a saúde e desenvolvimento das crianças, possibilita que elas criem repertórios, através do que vem sendo disponibilizado, como será possível observar a seguir:

Professora - Angelita

[..] A nossa escola se volta muito para a questão da natureza, através de projetos, por uma questão de brinquedos, que a **gente procura trabalhar com brinquedos mais da natureza**, pedrinhas, conchinhas, pinhas, madeira. Então, **a escola se volta muito para brinquedos mais voltados para a natureza**, as caixas de areia, folhas, quando a gente faz um trabalho com as crianças, a gente usa muitos gravetos, folhas secas né então se explora muito esta questão dos ambientes. [...] a gente procura sempre incentivar, proporcionar momentos que a criança interaja com a natureza né. [...] **o desemparedamento aqui na escola é muito forte**, a gente procura fazer com que a **criança viva o contexto fora, viva o brincar, experiencie essa natureza**. Isso para eles é muito importante porque muitas crianças nossas são de apartamento e quando eles têm este momento de explorar a natureza, quando eles têm este momento de brincar em uma praça, é, principalmente aqui na escola que eles passam oito, nove horas, então realmente é muito

trabalhado esta questão do desemparedamento. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Professora - Suelen

[...] espero que as escolas continuem neste processo de **desemparedamento** e que elas **entendam que crianças precisam ser crianças**, que elas precisam ter o gosto de ser crianças, que elas precisam ter o gosto de brincar, porque é na escola que elas se conhecem, é na escola que elas mantêm as primeiras relações de amizade, de afeto, **é na escola que elas precisam ter voz e aprender a se posicionar**. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Como foi possível observar no diálogo das professoras acima, o desemparedamento é contemplado no dia a dia destas escolas, de modo que as brincadeiras, propostas, brinquedos e materiais são articulados para promover a interação e apropriação desses elementos com os espaços externos. Dessa forma, Tiriba (2018, p. 21) destaca que para propiciar o desemparedamento, não são necessários grandes materiais:

brincar na areia, [...] encantar-se com a beleza das flores, tomar banho de chuva, criar uma escultura a partir de um galho e descobrir como a vida se desenvolve são experiências importantes que colocam a criança frente à beleza e ao mistério da vida.

Diante disso, acredito que as crianças serão as mais beneficiadas se o desemparedamento for realmente proposto nas escolas e nos seus lares, pois amplia os olhares, cuidados consigo, com o outro e a natureza, por meio do contato com diferentes elementos e texturas.

Na próxima seção, trarei recomendações das coordenadoras e professoras quanto ao desenvolvimento de projetos educativos que estabelecem a relação de criança e natureza.

4.4 AS RECOMENDAÇÕES DAS PROFESSORAS E COORDENADORAS PARA O DESENVOLVIMENTO DE UM PROJETO EDUCATIVO QUE CONSIDERE AS RELAÇÕES ENTRE CRIANÇA E NATUREZA

Os espaços externos, infelizmente em muitas Escolas de Educação Infantil, não são reconhecidos como um ambiente pedagógico, no qual as crianças aprendem. A partir das narrativas das entrevistadas referentes ao desenvolvimento de projetos educativos para que a interação das crianças com a natureza seja possibilitada, se faz necessário pensar sobre o espaço que elas estão inseridas, o que se pode realizar, quais materiais precisam, quais são as necessidades das crianças. Em acordo com Lima (2020, p. 59), reflito que “o espaço, enquanto um importante elemento constituinte do currículo, precisa fundamentalmente ser considerado e discutido durante o planejamento das ações pedagógicas na educação infantil”. Assim, a circulação pelos espaços externos tanto das escolas, quanto fora devem ser planejados e transformados em parte do dia das crianças. Para isso ocorrer, acredito que estudos, discussões, ações necessitam estar em pauta nas instituições de ensino, pois só dessa forma que a ampliação deste contato será efetivada. Sendo assim, a coordenadora Maria destaca a importância de as crianças saírem das folhinhas e irem desfrutar da aprendizagem por meio do toque, da visualização concreta, como é possível ver:

Coordenadora- Maria

[...] **Uma escola de Educação Infantil diferente**, que não seja aquela questão de trabalhos em folhas, mas que às vezes são trabalhos, propostas efêmeras, assim que são de observar, de fazer desenho, de observação, de ter uma questão mais de relação mesmo com o meio que rodeia as crianças e que já venham com essa mente mais aberta que é **para o experienciar, que é para o construir a partir do que eles estão vivendo**, né, e que não venham com aquelas folhinhas. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Em direção contrária das reflexões de Maria, Barros (2023, p. 29) argumenta que, “prevalece a ideia de que só se aprende com o corpo parado. De que movimento, expansão e aprendizado não combinam, o que gera um conjunto de rotinas que têm como objetivo disciplinar o corpo para o exercício intelectual”. Nessa perspectiva, na sala de aula, o corpo e aprendizagem não são interligados, o que tange na aquisição do conhecimento seria a disciplina dos corpos. Entretanto, percebo que cada indivíduo tem uma maneira de construir suas aprendizagens de uma forma mais eficaz, por isso essa ideia da gestão dos corpos, seria mais para ter um controle da sala.

Logo, o regramento das salas de aulas é efetivado pelo regramento dos corpos, tendo em vista a disciplina que terão se permanecerem sentadas durante grande parte do dia, mais, pelo contrário, quanto mais paradas as crianças ficarem, nos ambientes livres o que realmente elas necessitam é extravasar, sair da zona de tensão. Ou seja, as crianças por permanecerem disciplinadas por muitas horas, diante dos livros, constrói-se a ideia de que dessa forma, a aprendizagem será efetiva, mas pelo contrário, acredito que a falta de gestão do modo como articular o tempo em sala, faz com que as crianças percam o interesse, pois é sempre da mesma maneira.

Ao encontro das colocações de Maria, a coordenadora Gabriele e a coordenadora Maria abordam questões importantes, como é possível observar a seguir:

Coordenadora- Gabriele

[...]Esses dois eu acho que são os pontos mais comuns que a gente precisa desconstruir na equipe da escola; então às vezes é **aquele pátio livre de areia, livre de barro, para as crianças não se sujarem não sujarem a escola** [...] essas coisas o adulto tem que desconstruir porque também faz parte da nossa essência como adulto. (Transcrição de entrevista – grifos meus)

[...] É projetar um espaço interno e externo com várias possibilidades de experiências, de exploração com a natureza, então, de árvores, de terra, de céu, de chão, de areia, de plantas e folhas, folhagens que a gente possa pensar em uma variedade de texturas e cheiros e cores que as crianças possam ter, não todas ao mesmo tempo até porque tem isso das estações do ano, mas que a gente possa ir fazendo diferentes tipos de plantios e coisas com eles. [...] vai sentindo o movimento junto com as crianças, é **não didatizar a natureza**, não tentar trazer muito para essa ideia de agora eu vou trazer um desenho de um livro, de uma árvore, vou mostrar o que é uma raiz, caule, copa. É essa coisa muito didática da natureza, **eles têm que sentir com a mãozinha, como nariz, com a pele, com o pé, então assim, leva eles para a natureza, leva as crianças para sentirem o pisar na grama, se esfregar na areia, pegar as folhagens do chão**; então, eles são sensoriais. **Eles tem que ver a formiga caminhando mesmo para ir criar hipóteses, envolver as famílias**; acho que é bem importante, por que nosso papel também é esse e vai fazer mais sentido para as crianças se eles tiverem todo esse entusiasmo das famílias né. (Transcrição de entrevista – grifos meus)

Coordenadora - Maria

[...] **A gente brinca que temos vitamina S de sujeira, que é saudável sim.** Por isso que as crianças acabam tendo imunidade, porque vão criando essa casca, né? Mas enfim, então, me preocupa muito porque tem muita escola ainda que não tem pátio e não quer proporcionar esse tipo de ambiente para as crianças devido à sujeira, porque as moças da limpeza reclamam, só um pouquinho, então não dá nem para trabalhar numa escola, Educação Infantil. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

[...] Que isso realmente vale a pena e vai mostrando para a coordenadora, para as colegas, enfim que isso faz sentido e eu sempre acredito que as palavras voam e o exemplo arrasta, **se tu provares na ação que realmente faz sentido isso, vão te acompanhar neste processo.** (Transcrição da entrevista – grifos meus).

É possível depreender nas narrativas de Gabriele e Maria a necessidade de um rompimento que precisa ser feito da visão da natureza como suja e perigosa. Compreendo que no contato com natureza, com a supervisão de um adulto, o perigo percebido por muitas pessoas, na realidade pode tornar-se benéfico para os pequenos, pois faz com que eles investiguem, criem estratégias para subir em uma árvore, andar por cima de uma raiz. Mas para que isso seja possível eles necessitam adentrar nesses espaços com uma vasta quantidade de diferentes materiais e espaços pensados para oferecer o máximo de segurança para as crianças. Além disso, didatizar a natureza, por meio dos livros, resulta vivências e experiências que fiquem de lado. Corroborando com os argumentos das entrevistadas, noto que a natureza acaba sendo didatizada, principalmente nas construções de projetos com as crianças, pois ao invés delas irem para os espaços externos e apropriarem-se de tocando e sentindo os elementos da natureza, como, por exemplo, ao conhecerem as partes da árvore, acabam ficando só olhando as imagens nos livros e não saem das salas.

Mediante esse contexto me referencio em Lima (2020) quando afirma que as crianças manifestam a necessidade de se apropriarem fisicamente do ambiente, experimentando tudo que tem ao seu redor. Sendo assim, são as relações construídas com a natureza, o uso da terra, da água, o colocar os pés no chão, deitar-se na grama para escutar uma história e até mesmo ficar um tempinho só apreciando os sons, as nuvens que oportunizam vivências ricas as crianças no contexto das escolas. Em vista disso, como forma de enxergar os espaços externos como promissores de conhecimento, saúde e benefícios para a vida, Barros (2018) evidencia que as áreas verdes ajudam na promoção do bem-estar das crianças. Por isso, as crianças necessitam conviver nesses ambientes externos, como praças, parques, e as famílias e escolas devem disponibilizar esse contato, pois é um direito delas de ocuparem esses espaços.

É possível inferir a partir das narrativas da coordenadora Flor e da professora Angelita acreditam que os benefícios que a natureza traz para o desenvolvimento dos indivíduos necessitam ser evidenciados, com o intuito de promover ainda mais propostas nas escolas que realmente insiram o contato com os ambientes externos. Assim como destacam Flor e Angelita:

Coordenadora - Flor

[...] Eu acredito que é um processo né, que está sendo construído, ah, lentamente, e algumas escolas conseguiram ter a dimensão do benefício que a natureza traz para a criança e para o ser humano. Mas ainda tem muitas que não conseguem enxergar, ah, eu acho que **são micro passos que tem acontecido, nós precisamos evoluir muito neste sentido**, porque as tecnologias, a mídia, então assim, **a criança saber ler e escrever, ainda está muito forte** né, então a gente precisa disseminar os benefícios de estar e contemplar a natureza, de brincar com elementos da natureza, que é possível a gente fazer um letramento ou fazer uma configuração de desenho, de escrita com elementos da natureza e tirar um pouco este foco. O contemplar, o subir, ou escalar o quanto é importante para a criança antes de ele saber escrever e ler, ele poder ter essa noção do corpo e quanto algumas escolas ainda estão despreparadas. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

[...] **Que ela faça, primeiro que ela se permita estar e sentir a natureza, que ela disponibilize o corpo para isso**, então assim, andar descalça, abraçar uma árvore, sentir um cheiro, primeiro ela. A docente em si fazer estes movimentos, se ela buscar o significado, **qual sentido teve isso na vida dela para ela poder conseguir passar as crianças a importância disso**. (Transcrição da entrevista – grifos meus).

Professora – Angelita

[...] mas naquelas escolas que eu conheci as propostas são parecidas com as nossas. **Todos usam elementos da natureza em propostas, se voltam para o cuidar da natureza, despertam esse gosto, de amor pela natureza** nas crianças e proporcionam brincadeiras em praças, em areia, sempre que a criança possa vivenciar momentos junto com a natureza, as escolas de Educação Infantil, as que eu conheço, procuram fazer isso. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

[...] Eu parto da seguinte proposta, qual é a pegada que eu vou deixar para as novas gerações? Qual é a minha pegada? Então eu penso que em cima desta proposta que eu deixo para as novas gerações, eu preciso incentivar essas crianças a terem este olhar né, **qual é o cuidado que eu vou ter com a natureza a partir da minha existência mesmo sendo criança**, que cuidados eu posso incentivar na criança, pequenas coisas né. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Com base na narrativa de Flor, um aspecto importante que ela destaca, que nenhuma entrevistada ainda tinha se referido, é sobre a cobrança das famílias em fazer as crianças aprenderem a ler e escrever cada vez mais cedo. Com relação a este tema, considero que no início do ano, deve se estabelecer um diálogo com as famílias sobre a vivência nos espaços externos, que não se trata de tempo livre, mas pelo contrário, a aprendizagem estará ativa e com certeza vai ser mais prazeroso para as crianças e fará mais sentido, do que ficarem sentados durante toda a tarde. Afinal, conforme reflete Tiriba (2018), as famílias por estarem envolvidas com suas rotinas, acabam não percebendo o mundo natural ao seu redor, por isso as pessoas necessitam ser instigadas a aguçar seus sentidos para a natureza.

Nesse sentido, considero que as famílias têm que ser provocadas a refletir sobre a importância do contato com a natureza para as crianças, bem como por outro lado entenderem os danos que as telas trazem para elas, com o uso inadequado dos aparelhos eletrônicos. A saúde, o desenvolvimento cognitivo e físico pode estar sendo afetado negativamente e, com isso, no futuro, mais doenças podem surgir em razão do sedentarismo, da perda da capacidade de criação, da interação das crianças em virtude de ficarem muito tempo paradas em frente a eletrônicos.

Concordo com a colocação de Luiza, relacionado ao que as coordenadoras e as professoras também julgam necessário, um termo trazido por ela que considero a meu ver deveria ser apresentado para as famílias, quando ela refere - se a sujeira como marcas de alegrias, ou seja, são os vestígios de um dia repleto de vivências reais que com certeza vão ser levados para a vida das crianças. Portanto, as crianças também devem pertencem ao espaço, ser apresentadas aos benefícios que a natureza traz para a aprendizagem, saúde e bem-estar delas. Além disso, as brincadeiras, oportunizam aprendizagens basta que os adultos estejam observando as suas brincadeiras, falas e interações para planejar propostas que façam sentido para o grupo de crianças. Nessa mesma direção Barros (2023, p. 63) argumenta que “o planejamento do pátio escolar e a inserção de diversos elementos organizados de forma intencional poderiam aumentar não só as possibilidades do brincar, como também a qualidade do ensino curricular [...]”. Concordo com os dizeres de Barros, mas, todavia, observo que os pátios não são utilizados com intencionalidade. Na grande maioria das escolas é um momento livre, onde as crianças brincam na areia, no balanço, no escorregador e não ocorrem propostas que mobilizem elas a explorarem de outros modos esse espaço. Entendo que a relação entre infância e natureza deve ser estabelecida com propósito e em todos os espaços para além das escolas, possibilitando que as crianças se deparem com a diversidade de lugares, culturas, costumes. Assim, Luiza destaca:

Professora - Luiza

[...] A maioria dos espaços que eu já pude conhecer não deixam de fato a criança estar conectada ali, estar livre para poder ser natureza, estar ali e usufruir da sua inteireza do que a natureza dispõe. **Ser professor de Educação Infantil e trabalhar com crianças não é fazer com que a criança se suje, é fazer com que a criança volte para casa com marcas de alegria**, então estar em contato com a natureza é fazer com que a natureza coloque no seu corpo, na sua alma, **nas suas roupas marcas de como ela foi naquele dia e isso falta sim**. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Com base na narrativa de Lua e Suelen, é perceptível observar o quanto há preocupação e o interesse das professoras em se sentarem e refletirem sobre os materiais e os espaços, a disposição das crianças na realização das propostas, e que não é preciso todas as crianças fazerem as atividades exatamente ao mesmo tempo, mas sim em pequenos grupos.

Professora - Lua

[...] Eu acho que **sempre pensar nas possibilidades para fora da sala** sabe e aí acho que no momento que tu pensas nas possibilidades para fora da sala, tu também vai pensar nas possibilidades de material sabe. Esse ano a gente quis fazer uma proposta com os nomes e então a gente foi para a praça e vimos quais materiais da praça a gente poderia usar para isso, então acho **que no momento que tu sai da sala tu consegue ver outras possibilidades outras coisas com potencial que tu consegue fazer e usar com as crianças**. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Professora - Suelen

Sim, natureza a gente trabalha com terra, insetos, plantas, as minhas propostas são mais no tato **eu gosto que eles manuseiem, eu gosto que eles tenham um contato direto com tudo com que a gente vai fazer**, com

tudo que eu proporciono para eles. Se eu vou fazer alguma interação com terras e com plantas, eles têm que entender o porquê que aquela planta, eles têm que ter a parte de tocar de sentir, de conhecer de ter curiosidade. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

[...] É uma relação ampla, onde **validam os sentimentos das crianças com a natureza**, onde procura dar respostas para todos os questionamentos deles, onde dá voz a criança, onde dá autonomia para eles terem relação do que eles querem conhecer, sobre de qual maneira a gente vai abordar, sobre qual parte da natureza a gente vai se propor a pesquisar mais. (Transcrição de entrevista – grifos meus).

Por meio das narrativas dessas professoras, destaco que as trocas entre escolas, o diálogo precisa estar em movimento para buscar propiciar que as crianças participem ativamente das propostas, que os espaços sejam criados com intencionalidade. Diante disso, lembro o dito por Zanon (2018, p. 14) quando afirma que “natureza é nutrição”. Ela restaura, pacífica, aguça a potência imaginativa, contribui para o equilíbrio interno, colabora para o desenvolvimento, reequilibra a nossa humanidade”. Assim, vejo que a natureza é o equilíbrio de tudo que nos cerca e quanto mais as crianças desfrutarem dela, mais benefícios e aprendizagens serão construídos, visto que a natureza está em constante mudança, fato que contribuí para ampliar as descobertas, a imaginação e percepção do que ocorre ao entorno dela. Então, o contato com a natureza é a ressignificação de todos os sentidos, a libertação dos corpos, experimentar as coisas possibilita o estar por completo naquele lugar. Atrelado a isso, Tiriba (2007, p. 10) destaca que:

Assim, as vivências ao ar livre, os passeios no entorno podem ser entendidos como possibilitadores de aprendizagens de corpo inteiro, em que são incluídas a atenção curiosa, a contemplação, as sensações, as emoções, as alegrias! São aprendizagens que se realizam aqui e agora, não servem apenas para confirmar o que foi trabalhado de forma sistemática, antes ou depois.

Diante do exposto, percebo que as vivências nos espaços ao ar livre potencializam as aprendizagens das crianças, pois são criadas brincadeiras, histórias e explorações, que fazem sentido e tem importância para elas.

Logo, tanto as famílias quanto as escolas têm de compreender que as vivências nos ambientes externos também são pedagógicas e, no meu ponto de vista, tornam-se bem mais significativas para as crianças, pois elas passam a ser criadoras, exploradoras das suas aprendizagens e tendo um lugar preparado para isso, contribuirá ainda mais para o desenvolvimento delas. Por meio da realização da análise das narrativas, foi possível compreender que o contato com a natureza faz parte do dia a dia das instituições na qual elas atuam, assim como, e o compromisso em proporcionar aprendizagens lúdicas, prazerosas que ensinem as crianças a serem pertencentes desse contato que é tão rico.

As respostas das coordenadoras e professoras se complementavam, parecendo que se tratava de um mesmo lugar. Considero que o que todas têm em comum é o comprometimento com um trabalho pedagógico que realmente seja pensado e construído com e para as crianças, que elas possam pertencer e contribuir com o espaço, dando ideias, sugerindo

materiais e isso faz parte de uma gestão democrática, em que as coordenadoras também participam ativamente do cotidiano das crianças.

Mediante o exposto, as entrevistadas, por meio das suas experiências pessoais e profissionais como professoras de pré-escola, estabeleceram recomendações para uma docente iniciante que gostaria de possibilitar com que as crianças tivessem mais contato com a natureza na Educação Infantil. Assim, é possível destacar que: 1) confiar nas crianças, pois eles podem e são capazes, com o apoio e orientação eles conseguem explorar, interagir e podem ter ideias maravilhosas; 2) projetar um espaço interno e externo com várias possibilidades de experiências de exploração com a natureza, pensando em uma variedade de texturas, cheiros e cores que as crianças possam ter; 3) permita estar e sentir a natureza, disponibilizando o corpo para isso; 4) seja um ponto disparador dentro de uma escola, persista, que isso realmente vale a pena; 5) estar na natureza e presente com as crianças; 6) pensar nas possibilidades para fora da sala.

Nessa direção, encerro esta seção e este capítulo e me encaminho para o quinto e último capítulo, no qual irei abordar as considerações finais deste estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pensar e sentir na e com a Natureza mobiliza sensibilidades, emoções e afetos, significados e sentidos profundos que impulsionam nossa humanização. (LIMA, 2020, p. 140)

Finalizo este trabalho de conclusão de curso, compartilhando o dito por Lima (2020), que acredito ser o primeiro passo para quem quer estabelecer vivências com os espaços ao ar livre. Sentir as maravilhas que esse contato proporciona, fazendo com que as pessoas se conectem consigo e aproveitem realmente o presente; por isso as crianças também devem ser convidadas a cada vez mais percorrer caminhos ao ar livre. Mediante esses argumentos, retomo a minha questão norteadora dessa pesquisa: “Como um grupo de professores e coordenadoras da pré-escola que atuam em três jardins de praças da cidade de Porto Alegre, concebem a relação infância e natureza e a promovem em suas práticas cotidianas com crianças?”. A fim de responder à questão compartilhada, busquei investigar as concepções de professoras e coordenadoras sobre o tema Infância e Natureza. Em tal direção, realizei entrevistas com as professoras e coordenadoras que estão inseridas em Jardins de praça, sendo assim, por meio de um diálogo semiestruturado com oito questões, pude conhecer as vivências, propostas e concepções das participantes sobre a temática, que me possibilitaram analisar as suas narrativas, a partir da análise do discurso.

Desse modo, a partir da narrativa das professoras e coordenadoras, percebi que, em suas práticas, elas consideram necessário promover o contato entre as crianças e a natureza para além dos espaços escolares, e é possível estabelecer essas vivências com as crianças. Porém, o que falta nas escolas é proporcionar que as crianças fiquem por mais tempo desimpedidas dos ambientes fechados, das materialidades plásticas e prontas. Conforme as narrativas das entrevistas, elas defendem que a comunidade escolar deve estar engajadas em estudar sobre o tema, passar para as famílias quais são os motivos da relação com os

espaços externos, e a necessidade das escolas de pensarem e criarem ambientes com intencionalidades, onde as crianças possam imaginar, descobrir, ter voz e as suas potencialidades sejam respeitadas.

Mediante o exposto, como forma de buscar essas relações, foi através dos referenciais teóricos utilizados ao longo deste trabalho, como Tiriba (2018), Louv (2016), Guerra (2023) e Piorski (2016) que pude compreender e refletir a respeito dos benefícios que a natureza traz para as crianças, o que é desemparedamento, a concepção de natureza, fato que me possibilitou perceber ainda mais a importância de promover o contato das crianças com a natureza. Ademais, a partir do estudo dos referidos teóricos, estabeleci as análises das entrevistas.

Considerando a questão central desta pesquisa, foi possível evidenciar que tanto as professoras quanto as coordenadoras, em suas práticas pedagógicas, fazem questão de propiciar com que as crianças estejam relacionadas com a natureza, levando em conta que essas escolas estão em um lugar privilegiado, que é ao redor de uma praça, não adiantaria nada, se a gestão e o corpo docente não tivessem este olhar atento, que percebem os benefícios de as crianças usufruírem desse meio.

A partir das análises desenvolvidas em minha pesquisa e por meio das unidades temáticas, foi possível inferir que: 1) a concepção de natureza para todas as participantes está relacionada ao pertencimento de todos os indivíduos a ela, que não é perigosa e suja, e não se trata de uma mercadoria, as “sujeiras”, devem ser vistas como marcas de alegria nas crianças, ou seja, são os registros das constantes interações com os espaços que se desencadeiam nos corpos; 2) foi possível compreender que tanto as professoras quanto as coordenadoras se preocupam em oportunizar para as crianças vivências que agregam cada vez mais o contato com os espaços externos; 3) constato que, diante da análise das entrevistas, as participantes reconhecem o que seria o desemparedamento e que ele está diariamente presente em suas ações com as crianças; com isso elas tem mais possibilidades de interação e exploração com os espaços; 4) nos documentos curriculares que norteiam a Educação Infantil, como as Diretrizes e a Base Nacional Comum Curricular, o contato com a natureza e os ambientes externos é minimamente destacado, e essa relação na maioria das vezes é vista como um projeto a ser realizado por um tempo determinado; não é dessas vivências que as crianças necessitam. Elas devem ter espaços que promovam uma aprendizagem rica, que proporcionem um brincar com diversos elementos e materiais, visitem lugares fora do ambiente escolar, e, de fato, tenham experiências concretas, que aprendam por meio de descobertas, brincadeiras, trocas, que realmente faça sentido para as crianças. Por meio dos relatos das professoras e coordenadoras, nota-se que é realizável construir espaços que promovam a interação das crianças com os espaços externos e até mesmo as atividades realizadas dentro das salas podem ser pensadas para o lado de fora.

Mediante o exposto, trago o desemparedar de Tiriba (2018), que busca fazer com que os corpos, espaços, brincadeiras, não fiquem aprisionadas em lugares fechados, sem o mínimo de interação e movimentação. Por isso, julgo a necessidade de promover o desemparedamento das crianças, para que elas possam ter seus direitos respeitados,

interajam em espaços amplos e realmente pensados para elas, evitando assim, o *déficit de natureza*, termo criado por Louv (2016). Pelo fato de cada vez mais esse contato estar sendo deixado de lado, as crianças acabam ficando emparedadas tanto em suas casas como nas escolas, e isso irá acarretar em prejuízos para a saúde e na aprendizagem, pois o tempo sentados e na frente de telas é muito grande.

Por fim, ao desenvolver a pesquisa que resultou na escrita desse Trabalho de Conclusão, com uma temática muito importante e relacionada a minha criação, perante as leituras, entrevistas e análises realizados, acredito ainda mais que se faz necessário lutar por um espaço escolar que favoreça este contato entre as crianças e a natureza, e mesmo que for pequena a configuração do espaço, não deve ser deixado de fazer e cuidar. As crianças quando estão em contato com a natureza ampliam as suas capacidades de criação, de imaginação, exploram os espaços, pois não está tudo pronto; são elas que têm que estabelecer relações com o ambiente. Desse modo, a fim de proporcionar para as crianças o contato com a natureza, julgo a necessidade de criar ambientes com amplas possibilidades de interações, com diferentes materiais, como utensílios de cozinha de alumínio, ferramentas, que os pátios sejam organizados com intencionalidades, que promovam a descoberta, o desejos das crianças, de modo que esses espaços sejam ocupados para além de “passar o tempo”, mas sejam reconhecidos como ambientes de aprendizagens, e para isso ocorrer tem que ser criados espaços que tenham materiais não estruturados, com diferentes brinquedos, que esses materiais possam ser modificados ao longo dos dias.

Contudo, ao concluir esta pesquisa, acredito que a temática Infância e Natureza precisa ter ainda mais estudos, pois infelizmente esse contato vem diminuindo, e o emparedamento dos corpos infantis ganha força. Desse modo, julgo a importância do presente estudo para todos que atuam em Escolas de Educação Infantil, que insiram em suas práticas vivências para além dos pátios escolares, que a cidade ou até mesmo o entorno da escola se torne um grande promotor das experiências, interações e aprendizagens das crianças, que elas sejam pertencentes e participantes ativamente deste processo. Portanto, a partir deste estudo foi possível depreender que para minha formação como pedagoga atuante na Educação Infantil, essa temática é necessária, pois faz com que as crianças sejam mais instigadas a se apropriarem do que estão descobrindo e os professores têm que buscarem se inteirar mais sobre o tema e proporcionar diversas explorações em lugares diferentes, a fim de permitir com que as crianças tenham uma aprendizagem que se torne cativante e realmente pensada para e com as crianças. Ainda assim, essa pesquisa me permitiu perceber que, por mais que o contato com a natureza seja um assunto ainda pouco discutido e vivenciado nas escolas de Educação Infantil e no cotidiano das crianças, se faz necessário aprofundar cada vez mais a discussão sobre esse tema, pois o mesmo é de extrema importância para o desenvolvimento integral das crianças. Por fim, defendo que os docentes e equipe gestora da Educação Infantil devem promover o contato das crianças com a natureza, a partir do uso dos espaços externos e também do contato das crianças com os espaços públicos da cidade, tendo em vista que a educação das crianças não ocorre somente nos espaços institucionais.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurenci. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BARROS, M. I. A. de (Org.). **Desemparedamento da infância**: A escola como lugar de encontro com a natureza. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf. Acesso em: 26 de jul. 2023
- BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2017. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 26 de jul. 2023
- CASTELLI, Carolina Machado. **Os bebês, as crianças bem pequenas e a natureza na Educação Infantil**: achadouros da infância. Tese (Doutorado em Educação), UFPEL, 2019.
- COSTA, Marianna da Cunha Canova. **Freinet**: suas contribuições ao processo de sensibilização ambiental, em especial a “aula das descobertas”. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- CRIANÇA E NATUREZA. 2018. Disponível em: <https://criancaenatureza.org.br/pt/>. Acesso em: 26 de jul. 2023.
- CRIANÇA E NATUREZA. Facebook: programacriancaenatureza. Disponível em: <https://www.facebook.com/programacriancaenatureza/>. Acesso em: 26 de jul. 2023.
- DELORME, Maria Inês. **Criança e natureza nas cidades**. Rio de Janeiro: Baobá, 2019.
- FLORES, M. L. R.; TIRIBA, Léa. A Educação da Base Nacional Comum Curricular: Em defesa das crianças como seres da natureza, herdeiras das tradições culturais brasileiras. **Debates em Educação**, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 157, 2016.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009.
- GUERRA, Mônica. **No mundo**: páginas para uma educação aberta e ao ar livre. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.
- HORN, Maria; BARBOSA Maria. **Abrindo as portas da escola infantil**: viver e aprender nos espaços externos. Porto Alegre: Penso, 2022.
- LIMA, Izenildes. **A criança e a natureza**: experiências educativas nas áreas verdes como caminhos humanizadores. Curitiba: Appris, 2020.
- LOUV, Richard. **A última criança da natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno de déficit de natureza. São Paulo: Aquariana, 2016.
- MANZINI, E.J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS, 2, 2004, Bauru. **A pesquisa qualitativa em debate**. Anais... Bauru: USC, 2004. CD-ROOM. ISBN:85-98623-01-6. 10p
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Parâmetros Nacionais de Qualidade para a Educação Infantil/ Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica- Brasília. DF. v1. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Educif/eduinfparqualvol1.pdf>. Acesso em: 26 de jul. 2023.
- NATUREZA DE CRIANÇA. Instagram: naturezadecrianca. Disponível em: <https://www.instagram.com/naturezadecrianca/>. Acesso em: 26 de jul. 2023.

OLIVEIRA, Mônica; Grenno, Fernando; Profice, Christiana. **A natureza da criança** : diálogos com Vigotski e Bronfenbrenner . Iguatu, CE : Quipá Editora, 2022.

OLIVEIRA, Silvaney ; GUIMARÃES, Orliney Maciel; FERREIRA, Jacques de Lima. As entrevistas semiestruturadas na pesquisa qualitativa em educação. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 24, n. 55, p. 210-236, maio/ago. 2023.

PIORSKI, Gandhi. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

ROSA, Maria Virginia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SANTOS, Luciano. **Da competência no fazer à responsabilização no agir**: ética e pesquisa em ciências humanas. Praxis Educativa, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 244-256, abr.2017.Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). <http://dx.doi.org/10.5212/praxeduc.v.12il.0013>.

SOARES, Gisele. **“Desemparedando”**: potencialidades dos espaços externos em escolas de educação infantil Jardins de Praça de Porto Alegre. Tese (PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO) - Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.p.100. 2016.

SILVA, Marcelo Oliveira; Carvalho, Rodrigo Saballa. A entrevista como possibilidade dialógica na produção de dados em uma pesquisa sobre as práticas pedagógicas de professoras/es. In: Santos, A.B. et al. **Fontes métodos e abordagens nas ciências humanas**: paradigmas e perspectivas contemporâneas. Pelotas: Basibooks,2019, p. 520- 529

SZYMANSKI, Heloisa. A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva. In: ALMEIDA, Laurinda; PRANDINI, Regina HELOISA Szymanski (Org). **Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa**. 5. ed. Campinas: Autores Associados,2018. p.9- 95.

TIRIBA, Léa. **Crianças, natureza e educação infantil**. Gt - Educação de Crianças de 0 a 6 anos, n.07, 2007.

TIRIBA, Léa. Crianças da Natureza. In: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO ,1, 2010, Belo Horizonte. **Anais[...]** Belo Horizonte: Ministério da Educação, 2010.

TIRIBA, Lea. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. São Paulo: Paz e Terra, 2018.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana. **Crianças da natureza**: vivências, saberes e pertencimento. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.44, n.2, 2019.

TIRIBA, Léa; PROFICE, Christiana. **Desemparedar infâncias: contracolônialidades para reencontrar a vida**. O social em questão, Rio de Janeiro, v.1, n.56,2023.

TUBINO, Bibiana; ALBUQUERQUE, Simone. Desemparedando a Educação Infantil: um processo formativo no estágio curricular. **Olhar de Professor**, [S. l.], v. 24, p. 1–19, 2021. DOI: 10.5212/OlharProfr.v.24.15955.006. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/15955>. Acesso em: 26 de jul. 2023.

ZANON, Sibélia. **Educando na natureza**. 1 ed. São Paulo: Ecofuturo, 2018. Livro eletrônico.

ANEXO A – Termo de Consentimento Livre Esclarecido - Professora

Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Professora

A pesquisa Crianças e natureza: narrativas de professoras e coordenadoras de pré-escola sobre o trabalho docente (título provisório) está sendo desenvolvida pela acadêmica Luísa Fortunato Barbosa, sob orientação da Professor Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho na Faculdade de Educação da UFRGS. Trata-se de um projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, que possui como objetivo principal compreender os modos como tem sido abordada as discussões sobre criança e natureza no âmbito da docência na pré-escola.

Os dados da pesquisa obtidos por meio de entrevistas serão registrados através de gravações de áudio que depois serão transcritas. O material gerado será utilizado apenas para fins do trabalho acadêmico, tais como: escrita do trabalho de conclusão, artigo, publicação e divulgação científica.

A pesquisa não oferece nenhum dano ou desconforto aos participantes e não será objeto de nenhum benefício, ressarcimento ou pagamento aos mesmos. Se, no decorrer do procedimento o/a participante vier a manifestar sua vontade de que a coleta de dados seja interrompida e/ou seu conteúdo não seja divulgado, a pesquisadora atenderá a sua vontade. A participação nesta pesquisa pode ser interrompida a qualquer momento, se o participante assim o decidir, sem que isto implique em nenhum prejuízo

As identidades dos(as) participantes não serão reveladas na escrita do Trabalho de Conclusão de Curso. Para tanto, os(as) participantes da pesquisa poderão escolher um nome fictício.

É compromisso desta pesquisadora manter os participantes informados sobre o andamento da pesquisa e, ao final de sua realização, de comunicar-lhes os resultados e/ou devolver-lhes, de alguma forma, o produto alcançado.

 Eu, _____, concordo em participar voluntariamente desta pesquisa coordenada pela Professor Rodrigo Saballa de Carvalho e a acadêmica Luísa Fortunato Barbosa.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa e de que estou ciente de que terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento durante a coleta dos dados, e deixar de participar do estudo sem que isso traga qualquer prejuízo.

Todas as minhas perguntas quanto à pesquisa foram respondidas e os pesquisadores colocaram-se a disposição para esclarecimento de quaisquer dúvidas que eu tiver durante a realização da mesma.

 Assinatura do(a) participante
 Porto Alegre ___de_____de 2023.

**ANEXO B - Termo de Consentimento Livre Esclarecido – Coordenadora
Pedagógica**

**Termo de Consentimento Livre Esclarecido
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Coordenadora pedagógica

A pesquisa Crianças e natureza: narrativas de professoras e coordenadoras de pré-escola sobre o trabalho docente (título provisório) está sendo desenvolvida pela acadêmica Luísa Fortunato Barbosa, sob orientação do Professor Dr. Rodrigo Saballa de Carvalho na Faculdade de Educação da UFRGS. Trata-se de um projeto de Trabalho de Conclusão do Curso de Pedagogia, que possui como objetivo principal compreender os modos como tem sido abordada as discussões sobre criança e natureza no âmbito da docência na pré-escola.

Os dados da pesquisa obtidos por meio de entrevistas serão registrados através de gravações de áudio que depois serão transcritas. O material gerado será utilizado apenas para fins do trabalho acadêmico, tais como: escrita do trabalho de conclusão, artigo, publicação e divulgação científica.

A pesquisa não oferece nenhum dano ou desconforto aos participantes e não será objeto de nenhum benefício, ressarcimento ou pagamento aos mesmos. Se, no decorrer do procedimento o/a participante vier a manifestar sua vontade de que a coleta de dados seja interrompida e/ou seu conteúdo não seja divulgado, a pesquisadora atenderá a sua vontade. A participação nesta pesquisa pode ser interrompida a qualquer momento, se o participante assim o decidir, sem que isto implique em nenhum prejuízo

As identidades dos(as) participantes não serão reveladas na escrita do Trabalho de Conclusão de Curso. Para tanto, os(as) participantes da pesquisa poderão escolher um nome fictício.

É compromisso desta pesquisadora manter os participantes informados sobre o andamento da pesquisa e, ao final de sua realização, de comunicar-lhes os resultados e/ou devolver-lhes, de alguma forma, o produto alcançado.

Eu, _____, concordo em participar voluntariamente desta pesquisa coordenada pela Professor Rodrigo Saballa de Carvalho e a acadêmica Luísa Fortunato Barbosa.

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado(a) dos objetivos da pesquisa e de que estou ciente de que terei total liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento durante a coleta dos dados, e deixar de participar do estudo sem que isso traga qualquer prejuízo.

Todas as minhas perguntas quanto à pesquisa foram respondidas e os pesquisadores colocaram-se a disposição para esclarecimento de quaisquer dúvidas que eu tiver durante a realização da mesma.

Assinatura do(a) participante
Porto Alegre ___de_____de 2023.